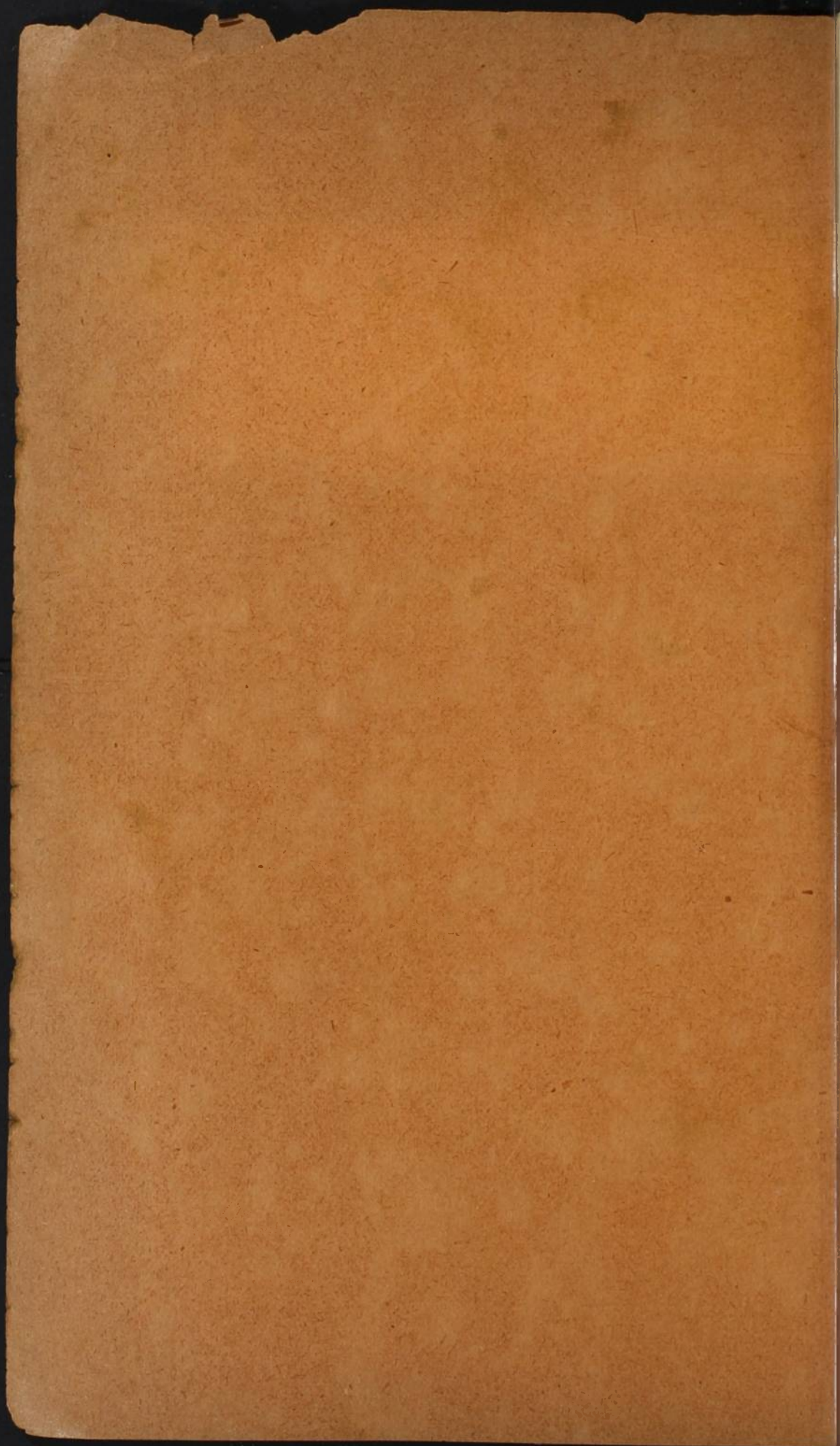
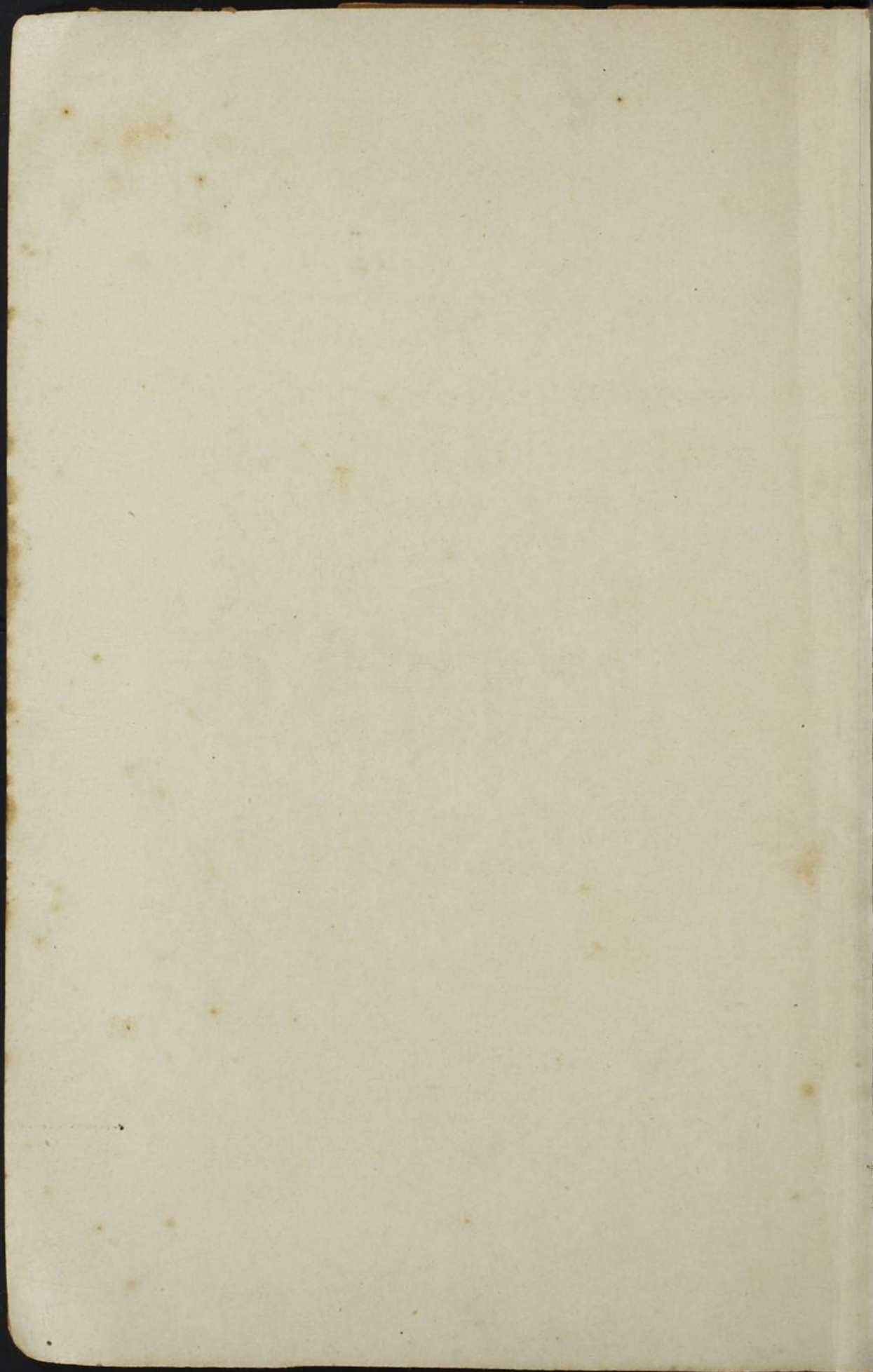


A

PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OPERA COMICA EM 1 PROLOGO E 2 ACTOS





BIBLIOTHECA THEATRAL

A

PRINCEZA DOS CAJUEIROS

OPERA COMICA EM 1 PROLOGO E 2 ACTOS

POR

ARTHUR AZEVEDO

MUSICA

DE

F. DE SÁ NORONHA

RIO DE JANEIRO

Typ. da — **Escola** — de Serafim José Alves — Editor

83 — Rua Sete de Setembro — **83**

1880

TEIXEIRA & IRMÃO

54-A Rua de S. Bento 54-A



S. PAULO

PERSONAGENS

DO PROLOGO

EL-REI CAJU (*).....	GUILHERME
DOUTOR ESCORREGA, medico do paço.....	VASQUES
NHECO, mestre de cerimonia.....	PINTO
MARCOS, pescador.....	FELIPPE
VIRGINIA, mulher do povo.....	HERMINIA
UM PAGEM.....	M. PERUCHEAU
UMA ENFERMEIRA.....	MATHILDE

Conselheiros, ministros, fidalgos, cortezaes, damas do paço
e amas de leite.

DOS DOUS ACTOS

PRINCEZA DOS CAJUEIROS.....	ROSA VILLIOT
PAULO, pescador.....	J. DELMARY
DUQUEZA DA GUARDA VELHA.....	HERMINIA
PETRONILHA, } mulheres do povo.....	MATHILDE
THEREZA }	IZABEL
EL-REI CAJU.....	GUILHERME
BARÃO DO BOM-SUCCESSO, medico do paço.....	VASQUES
NHECO, mestre de cerimonia.....	PINTO
MARCOS, pescador.....	FELIPPE
O ADVOGADO DA DEFEZA.....	LEAL
O ADVOGADO DA ACCUSAÇÃO.....	ANDRÉ
1.º MINISTRO.....	LISBÔA
2.º MINISTRO.....	ADELINO
3.º MINISTRO.....	MACHADO
4.º MINISTRO.....	ADELAIDE
UM LACAIO.....	VICENTE

Pescadores, gondoleiros, fidalgos, damas, lacaios,
guardas, etc.

A scena passa-se na ilha (imaginaria) dos Cajueiros, os dous
ultimos actos vinte annos depois do prologo.

*Ensaiaador, Jacintho Heller. Regente da orchestra, Henrique
de Mesquita. Scenographo, Julio de Abreu.*

(*) O nome de Cajú foi substituido na representação pelo
de Tatú. Essa mudança foi suggerida por mal entendidos,
ainda que delicados, escrupulos do digno empresario da Phenix
Dramatica.

A PRINCEZA DOS CAJUEIROS

PROLOGO

Sala de gosto antigo e exquisito. Duas portas á direita e duas á esquerda. No fundo um arco em toda a largura da sala. Depois do arco uma grade, aberta no centro, para dar passagem para um bosque por uma escada que não se vê. A' esquerda um sofá.

SCENA PRIMEIRA

CORTEZÃOS, depois o DOUTOR ESCORREGA, depois UM PAGEM, depois EL-REI CAJU e sua comitiva.

INTRODUÇÃO

CÔRO DE CORTEZÃOS.

Contentes, contentes,
Nós vamos ficar!
Ferventes, ferventes,
Sabemos amar
A bella rainha
Que o céu
Nos deu,
E que, coitadinha!
Stá p'ra dar á luz

Um filho que ha de ser um principe de truz!

DOUTOR, (*apparecendo á porta dos aposentos da rainha, á
meia voz.*)

Senhores, não façam tamanho barulho,
Que nada de novo por ora não ha....

CORTEZÃOS, (*á meia voz.*)

Pois bem ! não façamos tamanho barulho,
Que nada de novo por ora não ha....

DOUTOR.

Senhores, estamos a quinze de julho ;
Ha já nove mezes que.... tra la ra la !

CÔRO.

Tra la ra la,
Tra la ra la,
Ha já nove mezes que.... tra la ra la !

DOUTOR, (*descendo á scena.*)

COPLAS.

I

Eis o doutor Escorrega,
Do paço medico mór,
Que os doentes se encarrega
De mandar para melhor.
Eis o doutor Escorrega !
No bem da humanidade os dias seus emprega !

CÔRO.

Eis o doutor Escorrega !
No bem da humanidade os dias seus emprega !

DOUTOR.

II

Ha quatro mezes somente
Da Academia sahi :
Já matei radicalmente
Cinco ou seis typos d'aqui !
Eis o doutor Escorrega ! etc., etc.

(*Declamando.*) Viram o medico do paço ? Vejam agora o
paço do medico ! (*Dansa um burlesco sapateado durante
o seguinte côro.*)

CÔRO.

Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...
Quem mais burlesco,
Quem mais grotesco
Será ? será ?...
Passo indecente !
De rir á gente
Vontade dá !
Ah ! Ah ! Ah ! Ah !...

(*Findo o côro, entra o pagem a correr.*)

PAGEM.

Limpem fatos
E sapatos,
Que ahí vem el-rei !

(Cada um dos cortezãos tira uma escova do bolso : limpam-se uns aos outros.)

CORTEZÃOS.

Zas ! Traz ! Zas !
Traz ! Zas ! Traz !
Fatos limpos e sapatos !
Que ahí vem el-rei !

PAGEM.

Vim prevenir-vos depressa,
Atal que o avistei !

CORTEZÃOS, *(a escovarem-se.)*

Pressa ! pressa ! pressa ! pressa !
Que ahí vem el-rei !

(Apparece ao fundo numerosa e luzida comitiva que precede El-rei, que vem acompanhado de conteiros, trazendo petrechos de caça.)

MARCHA E CÔRO GERAL.

Praça ! Praça !
Praça, porque aqui está
El-rei que vem da caça !
Toca trombeta : tra la ra !
EL-REI, *(á bocca de scena.)*

COPLAS.

I

Eu sou o rei mais pandigo,
Um rei sou de mão cheia !
Pareço um rei de magica,
Por ser original !
Por isso os meus bons subditos
Não fazem cara feia....
P'ra rei de opera comica
Não estou de todo mal !
Tur lu tu tu,
Tur lu tu tu,
Ora aqui está el-rei Caju !

EL-REI.

II

No meu paiz esplendido
E' tudo monarchista !
Ninguem falla em republica,
Ninguem diz mal de mim !
Si acaso algum sacrilego
Quizer metter-me a crista,
Irá para o patibulo,
Pois... eu cá sou assim !
Tur lu tu tu,
Etc. etc.

CÔRO.

Tur lu tu tu,
Etc., etc.

EL-REI.

(*Aos cortesãos, que desde a sua entrada têm-se inclinando bastante.*) Levantar cabeças ! (*Perfilam-se.*) Doutor, dou-te a honra de dizer que venho da caça.

DOUTOR.

A caça é o rei dos prazeres e o prazer dos reis !

EL-REI.

Foi uma caçada real !

DOUTOR.

O que matou ?

EL-REI.

Um veado.

DOUTOR.

Teve medo ?

EL-REI.

Não. — Estou satisfeitiíssimo com os meus couteiros ! (*A' comitiva.*) Na proxima fornada, hei de fazer-vos barões, marquezes, conselheiros, coroneis da guarda-nacional, etc. Sois optimos caçadores ! (*Inclinam-se.*) Levantar cabeças ! (*Perfilam-se.*) Que novas me dás do estado de sua magestade a rainha, ó doutor ?

DOUTOR.

O estado de vossa real esposa é o mais satisfactorio possível. Ha todas as probabilidades de um parto feliz. Conto que dentro de meia hora terá vindo á luz do dia o dono ou dona desta prenda! (*Pega na corôa do rei.*)

EL-REI.

(*Zangado.*) O dono ou dona? (*Naturalmente.*) Dá cá a corôa, doutor. ... (*De mau humor, deitando a corôa.*) Pois não tens certeza de que a creança é do sexo feminino? Ha nove mezes te ordenei que empregasses toda a tua sciencia, afim de que não seja varão, e sim varôa, a primicia do meu feliz matrimonio!

DOUTOR.

Suppuz que fosse gracejo....

EL-REI.

Gracejo! pois eu gracejo com os meus vassallos!

DOUTOR.

Relevae vos diga que a sciencia, por isso mesmo que é a sciencia, submete-se aos phenomenos communs da natureza.

EL-REI.

Falla claro.

DOUTOR.

Si o filho não tiver de ser uma filha, nem vossa magestade, nem eu, nem a sciencia em peso....

EL-REI.

Então para que se inventaram as invenções? Para que diabo cursaste dez largos annos a universidade, donde sahiste ha quatro mezes somente....

DOUTOR, (*cantando sem musica.*)

Ha quatro mezes somente
Da Academia sahi ...

TODOS, (*idem.*)

Já matou radicalmente
Cinco ou seis typos d'aqui!

EL-REI.

Silencio ! (*Inclinam-se.*) Levantar cabeças ! — Pois não podes arranjar uma droga que obtenha o desejado effeito ?

DOUTOR.

Vossa magestade pede....

EL-REI.

Não peço : mando !

DOUTOR.

Manda um impossivel !

EL-REI.

Posso, quero e mando !

DOUTOR.

Senhor....

EL-REI.

Quero, mando e posso !

DOUTOR.

Mas....

EL-REI.

Mando, posso e quero !

DOUTOR.

Desta vez, vossa magestade póde querer, póde mandar, mas não póde poder !

EL-REI.

Olha que sou teu rei !

DOUTOR.

E eu o mais respeitoso dos vossos subditos !

EL-REI.

Obrigado.

DOUTOR.

Não ha de que ... O nascimento, real senhor, é questão de mero acaso ; nós nascemos homens, porque não nascemos mulheres....

EL-REI.

Boa duvida!—Não sei onde estou....

DOUTOR.

Estaes em vossa casa....

EL-REI.

Não sei onde estou, que te não esmurro....

DOUTOR.

Isso é mais facil!

EL-REI.

Senhores, attenção ! Vou deitar decreto ! Decreto verbal !
(*Inclinam-se todos. El-rei sobe ao sofá.*) Sua magestade el-rei Caju ha per bem decretar ao medico de seu paço real, doutor Escorrega, que, empregando os meios postos a seu alcance por dez annos de Universidade, faça com que sua magestade a rainha dê á luz uma creança do bello sexo. Si succeder que a creança pertença ao sexo barbado, morra por el o referido Escorrega (*Movimento do doutor.*) que assim o tenha entendido. Assignado : Eu ! (*Descendo.*) Levantar cabeças !

DOUTOR.

Reflecti, senhor....

EL-REI.

Já reflecti maduramente.—Ah ! (*Trepando ao sofá e batendo palmas.*) Post-scriptum ! Post-scriptum ! (*Silencio; inclinam-se.*) Si for macho, enforque-se o doutor ; si for femea, faço-o barão de qualquer coisa !

DOUTOR.

Senhor !

EL-REI.

Assim o tenhas entendido ! E bico ! Levantar cabeças !

DOUTOR.

Com que então, desejaes que o fructo do vosso amor....

EL-REI.

O fructo, não : deve ser a fructa !

DOUTOR.

O fructo é prohibido : vá vossa magestade descançado.

EL-REI.

Bem. Assim é que gosto que me fallem. Toca lá estes ossos. (*Apertando-lhe a mão.*) Vê lá : um titulo ou o cadafalso ! (*Aos cortezãos.*) Rua ! rua ! Fazeis muita algazarra, e convem que minha augusta espoza esteja em completo socego.—Doutor, uma princeza ou...

REPITIÇÃO DO ESTRIBILHO.

Tur lu tu tu,
Tur lu tu tu,

Verás quem é el rei Caju !

(*Aos cortezãos.*) Marche !—Vou ver a rainha. (*Entra no quarto da rainha.*)

CÔRO

Tur lu tu tu,
Tur lu tu tu !

Oh ! que é ratão el-rei Caju !

(*Os cortezãos saem pela esquerda alta. A comitiva do rei pelo fundo.*)

SCENA II

DOUTOR

Bonito ! Ou uma princeza ou... tur lu tu tu ! Estou metido em bôa ! Não ha que ver ! o meu soberano é soberanamente tolo ! Tão tolo, que ahi pela ilha, quando alguém faz uma tolice, diz-se : E' uma cajuada ! Persuadir-se o enxovedo de que é a coisa mais natural deste mundo a realisação do seu originalissimo desejo ! O que hei de fazer ? Isto de morrer enforcado aos trinta annos não lembra ao diabo ! E o peor é que a rainha vae dar á luz um menino ! Si fosse menina, a mãe seria accommettida de dores de dentes : não foi. Na Academia ensinaram-me que, quando uma senhora de esperanças, ao subir uma escada, deita sempre em primeiro logar o pé direito, tem uma creança do sexo feminino... Ora, acontece que sua magestade deita sempre no primeiro degráu o pé esquerdo.... Estou aqui, estou enforcado !

SCENA III

o DOUTOR, MARCOS

MARCOS.

(Apparecendo ao fundo.) Doutor....

DOUTOR.

Hein ?

MARCOS.

Uma palavrinha....

DOUTOR.

Ah ! és tu, Marcos ? O que queres ? Como podeste penetrar aqui ?

MARCOS.

Pelo jardim.... Quero....

DOUTOR.

Escolheste mau logar e má occasião.

MARCOS.

Mas é tão urgente...

DOUTOR.

Falla.

MARCOS.

O outro dia morreu o Belisario.... Nós, os outros pescadores, por espirito de classe, fizemos-lhe o enterro e offerecemos uma quantia á viuva, á bôa Thereza, que a despendeu inteiramente com a molestia do filhinho.

DOUTOR.

Um filhinho ? De que idade ? De que sexo ?

MARCOS.

Um menino de tres mezes *(Decepção do doutor.)*, que acaba de lhe morrer nas mãos !

DOUTOR.

(Mais despeitado.) Ora !—Mas, afinal, o que queres ?

MARCOS.

Encarreguei-me de pedir álgumas pessoas que concorressem para o enterro da pobre creança; e como o doutor é das que conheço.... e se acha no caso.... não hesitei em introduzir-me no jardim e....

DOUTOR.

Fizeste bem. Toma, e deixa-me. (*Dá-lhe dinheiro.*)

MARCOS.

Agradeço-lhe por mim e por aquella desgraçada! (*Vae saindo pelo fundo.*)

DOUTOR.

Oh, que idéa! Marcos! (*Marcos volta.*) E's ainda homem em quem a gente se possa fiar?

MARCOS.

Conhece-me de creança.

DOUTOR.

Tracta-se talvez da felicidade dessa mulher.

MARCOS.

De Thereza? Ainda bem, pois que o merece, coitada!

DOUTOR.

(*Dando-lhe mais dinheiro.*) Com o que já lá tens, deve dar para o enterro. Leva-lhe esse dinheiro e volta. (*Conduzindo-o ao fundo e apontando para o bosque.*) Logo que voltares, posta-te juncto áquelle cajueiro; em te eu chamando, vem cá. Não digas nada á mulher.

MARCOS.

Está dito. Até logo. (*Sae pelo fundo.*)

SCENA IV

o DOUTOR

Tracta-se agora de arranjar uma menina, e substituir por ella o principe, que será confiado á tal Thereza. E' patifaria grossa, mas não o é mais fina mandar-me enforcar! Vamos arranjar uma princeza; não ha tempo a perder. (*Vae a sair; entra o pagem pela esquerda.*)

SCENA V

O DOUTOR, O PAGEM

PAGEM.

Diversas amas de leite esperam ordem para entrar.

DOUTOR.

Que contra tempo !

PAGEM.

Inscreveram-se todas para o concurso annunciado.

DOUTOR.

E sou eu que lhes devo examinar a qualidade do leite, e escolher a melhor ! Isto leva um tempo ! Podia ficar para depois que sua alteza nascesse ! Emlim, mande entrar : esperarão na ante-camara.

PAGEM.

Tomo a liberdade de observar que cada uma das amas de leite traz uma creança.... e isso póde perturbar....

DOUTOR.

(Vivamente.) Traz cada uma uma creança ? Mande entrar tudo ! Mande entrar tudo ! *(A um signal do pagem, que sae, entra pela esquerda um côro de amas de leite, cada uma com a sua creança nos braços.)*

SCENA VI

O DOUTOR, AS AMAS DE LEITE, depois VIRGINIA

CÔRO DAS AMAS.

As amas de leite,
De leite, de leite,
Vêm-se apresentar,
A ver qual se acceite,
Ou qual se regeite
P'ra dar de mamar.

DOUTOR.

Deleite, deleite,
E' ouvil-as cantar!
Quanta creança!
Quanta esperança!
Deixem-me vêr s'estes pequenos
Gordos estão, pois si não estão,
Logico é que não convem-nos
As mães....

AS AMAS.

Pois não ! pois não ! pois não !

DOUTOR, (*examinando as creanças uma por uma, aparte.*)

Este é rapaz—que o leve a breca!—
Este é rapaz!—Rapaz!—Rapaz!—
Este tambem!— Tambem! que seca!
Idem, idem, idem, idem!
'Stou damnado, não duvidem;
De alguém morder sou bem capaz!

AS AMAS.

'Stá damnado, não duvidem :
De alguém morder é bem capaz !

VIRGINIA, (*entrando com uma creança nos braços.*)

Licença para dois!

CÔRO.

Ainda uma !

DOUTOR.

Quem sois?

VIRGINIA.

Senhor, tambem desejo,
Sem mais tирte, nem mais guarte,
Do concurso fazer parte.

CÔRO.

No concurso toma parte.

DOUTOR.

Deve inscrever-se....

(Reconhecendo Virginia que levanta o véu e encara-o.)

Oh! céus! que vejo!

Virginia!

VIRGINIA, *(fazendo uma mesura)*

Para o servir.

DOUTOR.

Grande escandalo ant'evejo
No que d'aqui vae sahir....

(A's amas, apontando-lhes a porta da esquerda baixa.)

Senhoras, entrae!

Lá dentro esperae

A decisão que em pouco vae!

AS AMAS.

As amas de leite,
De leite, de leite
Lá vão esperar,
A ver qual se ageite,
Se ageite, se ageite
P'ra dar de mamar.

(Saem pela esquerda baixa.)

SCENA VII

o DOUTOR, VIRGINIA

(Virginia, durante o côro, tem accommodado no sofá a creança que trazia.)

VIRGINIA.

Finalmente!

DOUTOR.

Tua presença assusta-me! Será possível que, affrontando tudo, penetrasses no paço real, para dar-me de viva voz novas edições de teus queixumes?

VIRGINIA.

(*Em tom dramático.*) Perfido! Ha trez annos eras um pobre estudante, que não tinhas onde cahir morto. Onde cahir morto! Que digo eu? Onde cahir vivo!

DOUTOR.

Filha, olha que tenho mais que fazer. Adeus!

VIRGINIA.

(*Agarrando-o pelo fato.*) Espera! vaes livrar o pae da forca?

DOUTOR.

Vou me livrar a mim mesmo, o que é mais serio!

VIRGINIA.

Nesse caso, fica. — Meu pae, honrado velho, vendo que tu nem casa tinhas para morar, e dormias ao relento como um cão sem dono, offereceu-te uma alcova em nossa casa e um talher á nossa mesa. Aceitaste a generosa offerta. Dahi por diante, as tuas olheiras, que as leváras fundas como as de um condemnado, começaram a desfazer-se. As côres rosadas da infancia voltaram-te ás faces, cuja pallidez cadaverica dissiparam. E' que ás horas, que te sobravam de orgias torpes, succederam as noites bem dormidas no concavo tepido de um colchão honesto.

DOUTOR.

(*Aparte.*) Esta rapariga tem muita leitura; foi o que a perdeu.

VIRGINIA.

Ao cabo de tres mezes, disseste-me um dia....

DOUTOR.

Disse-te....

VIRGINIA.

Disseste-me: Amo-te. E o teu amor, mentido n'um olhar estudado, encontrou uma porta escancarada onde devêra encontrar um baluarte inaccessivel: amei-te. O resto, tremo de repetil-o.... Meu pae observou-nos e murmurou: Aqui ha coisa.... Chamou-me de parte....

DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

E disse-me : Filha, os teus requebros e medeixes pelo Escorrega que, entre parenthesis, é um farroupilha, podem passar despercebidos a outros olhos que não sejam os de teu pae. Lembra-te de que já não tens mãe, e és o unico penhor de minha felicidade nesta vida. Esquece-te delle e casa com teu primo Bernardino, para quem te destinei de pequena.

DOUTOR.

Estás a perder tempo : sei disso tão bem como tu.

VIRGINIA.

Eu quizêra que uma voz mysteriosa te repetisse a todo o momento essa historia de lagrimas.—Quando saí do quarto de meu pae....

DOUTOR.

Eu disse-te....

VIRGINIA.

Disseste-me: Espera-me no jardim. (*Com exagerado lyrismo.*) E foi lá, ao cíciar da brisa, ao brilho tremulo da lua, que te repeti as palavras de meu pae....

DOUTOR.

(*Aparte.*) Estou aqui, estou enforcado....

VIRGINIA.

Nesse instante, parece que o demonio te inspirou estas palavras : Amo-te, Virginia ! Luctar contra a vontade de teu pae, será malhar em ferro frio ! Fugamos ! Arranjarei um emprego qualquer ! Casar-nos-emos ! Um dia voltaremos á casa de teu pae e pedir-lhe-emos a sua benção !

DOUTOR.

Que noite aquella !

VIRGINIA.

Fugimos !... Não conseguiste.... não procuraste o emprego, e eu achei quem me dêsse roupa para lavar e engommar. Era d'ahi que eu tirava a subsistencia de nós

ambos. Todos os dias eu te fallava no nosso casamento, e esta palavra—Veremos—vinha morrer aos meus ouvidos como uma condemnação. Um dia, poucos mezes antes da tua fôrmatura, saíste de casa e não appareceste mais ; mas, ó desgraçado ! o que não sabes é que me deixavas no seio o fructo de tua paixão maldicta !

DOUTOR.

O que ouço !... Essa creança.... (*Corre para a creança.*)

VIRGINIA.

(*Interpondo-se.*) E' tua filha !...

DOUTOR.

Minha filha !... (*Querendo tomar a creança.*) A que sexo pertence ? E' menina ? Deixa-a vêr !

VIRGINIA.

(*Interpondo-se ainda.*) Ouve o resto : ha um mez que veio ao mnudo essa pobre creança....

DOUTOR.

Oh ! não calculas o interesse....

VIRGINIA.

Mentes tu !

DOUTOR.

E onde estavas tu ?

VIRGINIA.

Em casa da Rosa.... uma pobre mulher, que se compadeceu do meu estado.—Dois dias depois do nascimento dessa pobre creaturinha, meu pae me appareceu em companhia do primo Bernardino....

DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

E disse-me : Minha filha, eu sei o que são mulheres e sei o que são homens.... O Escorrega seduziu-te, e tu, com a fraqueza propria de teu sexo e de tua indole romanesca, escorregaste.... Eu te perdôo.... Aqui te trago o primo Bernardino, que já de muito te perdoou tambem.

DOUTOR.

Bravo! bravo! E o que te disse o primo Bernardino?

VIRGINIA.

Disse-me: Virginia, o Escorrega, à vista desta creança, não hezitará em dar-te a mão de esposo.

DOUTOR.

Hein?

VIRGINIA.

Nunca! respondi eu....

DOUTOR.

Ah! respondeste bem....

VIRGINIA.

Prefiro o seu despreso, meu primo; a sua maldicção, meu pae; prefiro a minha desgraça.... Foi nesse instante que o primo Bernardino, illuminado pela auréola sublime da piedade, balbulciou com a voz intercortada pelos soluços: Virginia, eu sou o mesmo que d'antes era! Põe-te fina e tens marido. Amanhan vou mandar correr os banhos!...

DOUTOR.

Sublime! sublime!...

VIRGINIA.

Tu, que tens o coração de pau, não imaginas que scena! Meu pae chorava; eu chorava. Bernardino desviava os olhos para lhe não trahirmos o pranto.... a creancinha chorava....

DOUTOR.

(*Rindo-se.*) Só eu é que não choro, porque já não tenho lagrimas....

VIRGINIA.

Hoje, logo ao amanhecer, o primo Bernardino foi ter comigo....

DOUTOR.

E disse-te....

VIRGINIA.

E disse-me: Minha adorada noiva, já podes sair á rua; estás prompta para outra! Péga nessa creança e vae leval-a ao pae. Ha um bom pretexto para entrares no paço e fallares ao Escorrega: o concurso para o logar de ama de leite do principe ou princeza que está para nascer.

DOUTOR.

Dá-me! dá-me essa creança!...

VIRGINIA.

(*Vae buscar a creança.*) Aqui a tens. (*Vae entregal-a, como que se arrepende e abraça o filho.*)

ROMANZA

I

Que vás, ó penhor querido,
A sorte o quer, cruel, fatal!
Vae, que me deixas partido
O coração meu maternal....
Adeus, amores meus,
Talvez p'ra sempre adeus....
Adeus!...

II

Crescendo, tu não affagues
Desejos bons de ver-me, oh! não!
Por tua mãe não indagues,
Pois quem fui eu não te dirão....
Adeus, amores meus,
Talvez p'ra sempre adeus....
Adeus!

(*Entrega a creança ao doutor, que a examina.*)

DOUTOR.

Uma menina!... Oh! céus! que felicidade!... Virginia, Virginia!... Deixa beijar-te os pés! (*Ajoelha-se aos pés de Virginia.*)

SCENA VIII

o DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI

TERCETTO

EL-REI, (*apparecendo á porta dos aposentos da rainha.*)

Bravo, doutor ! Gostei !...

DOUTOR, *aparte.*

Ora bolas ! el rei !...

(*Ergue-se e deita a creancinha no sofá.*)

VIRGINA, *aparte.*

El-rei !...

DOUTOR.

Vossa magestade malicia não deite
Em ver-me ajoelhado desta moça aos pés:
Ia examinar-lhe....

EL-REI.

O que ?

VIRGINA.

O que ?

DOUTOR.

O leite ...

VIRGINIA, (*aparte.*)

Que diz elle ?

EL-REI.

Serve ?

DOUTOR.

E' a melhor das dez.

EL-REI, (*a Virginia.*)

Já que ser a ama
Da pequena vae,
Escute o programma
Que lhe traça o pae :
Tres vezes são quantas
De dia dará de mamar,
E á noite são tantas
Quantas a pequena chorar.
Ao ter a pequena
Quatro mezes já,
Papas de maizena
Preparar-lhe-á.

DOUTOR.

Papa de araruta
Não lhe fará mal,
Sendo bem enxuta,
Tendo pouco sal.

EL-REI, (*aparte, depois de olhar muito para Virginia.*)

Que mulher tão galantinha !
Ai, como olha para mim !
Quem me dera que a rainha
Tivesse uns olhos assim !

JUNCTOS.

EL-REI.

Que mulher tão galantinha !

Etc , etc.

VIRGINIA.

Oh ! que cara de fuinha !
Como elle olha para mim !
Saberei, por vida minha,
Tudo, tim tim por tim tim !

DOUTOR, (*aparte.*)

Esta pobre creancinha
Que dorme neste coxim,
Veio salvar a vida minha,
Teve compaixão de mim !

EL-REI, (*ao doutor.*)

As outras amas já não são
Precisas, não !
Manda-as embora,
Sem mais demo.a !

VIRGINIA, (*protestando.*)

Então ? Então ?

DOUTOR, (*baixo.*)

Amor, socega :
De ti depende a salvação
Do pae da filha do Escorrega !

EL-REI.

Então, doutor ?

DOUTOR.

Lá ! vou, senhor.

(*A' porta da esquerda baixa.*)

Sem mais demora,
Vinde p'ra fóra !

Sai
D'ahi ! ..

EL-REI.

Vão já se embora,
Tumultuarias,
Que necessarias
Não são aqui !

SCENA IX

O DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI, as AMAS DE LEITE.

(*As amas saem a correr uma atraz da outra, passando por entre os tres personagens que se acham em scena, e vão alinhar-se ao fundo.*)

AS AMAS.

Ha muito mais tempo podiam ter dito :
A gente escusava de estar a esperar !

JUNCTOS.

AS AMAS.

Ha muito mais tempo podiam, etc., etc.

VIRGINIA.

Que caso exquisito !
Que caso inaudito !
Ao principe novo vou dar de mamar !

DOUTOR E EL-REI.

Meu Deus, quanta bulha ! meu Deus ! quanto grito !
Tão alto, senhoras, não devem fallar !

EL-REI.

Leva de rumor !
Isto para quem doente
Se sente,
E' massador !

VIRGINIA.

Aqui anda algum mysterio !

EL-REI.

O doutor pallido está !

DOUTOR.

El-rei me parece serio !

OS TRES.

Hei de vêr o que será !...

(As amas de leite descem, em linha, á bocca da scena e cantam á meia-voz.)

AS AMAS.

As amas de leite
Ao principe novo não dão de mamar....
S'tavam preparadas com estes brinquedos....

(Tira cada uma a sua gaita de sopro.)

Que o principe novo devia estimar.

(Cada uma tira um accorde da gaita, e saem todas.)

SCENA X

o DOUTOR, VIRGINIA, EL-REI

EL-REI.

Como sabes, doutor, não sou homem de sciencia. Mas
deixa dizer-te : sua magestade a rainha parece que vae
dar-me um rapaz !

DOUTOR.

Porque, real senhor ?

EL-REI.

Aquelle volume....

DOUTOR.

Não quer dizer nada, senhor : o que pôde acontecer é que sua magestade dê á luz uma pequena grande !

EL-REI.

Pequena grande !

DOUTOR.

Vossa magestade é um homem robusto... sua magestade a rainha é uma mulherça....

EL-REI.

Mulherça ?

DOUTOR.

A menina, quando nascer, ha de parecer que já tem para ahí um mez !

EL-REI.

Olha que a minha ameaça está de pé ! Não revogo o decreto ! Si nascer uma princeza, serás commendador....

DOUTOR.

Perdão ; mas vossa magestade havia me promettido um baronato.

EL-REI.

Vá pelo baronato.—E si fôr um príncipe, serás queimado vivo.

VIRGINIA.

Ai !

DOUTOR.

Vossa magestade havia dito que me mandava enforcar.

EL-REI.

Bem, bem : não havemos de brigar por isso. Escolherás a morte. Que morte preferes ?

DOUTOR.

Prefiro morrer de velhice.

EL-REI.

Escolhe outra, não faças cerimoniaes.—A fallar em cerimoniaes: é bom prevenir o mestre dellas. Desejo que a minha augusta chara metade tenha o seu bom successo com todas as formalidades prescriptas.—Vou dar uma volta pelo jardim. Adeus, ó doutor. (*A Virginia.*) Até logo, ó.... Como te chamas?

VIRGINIA.

Virginia, uma sua creada.

EL-REI.

Minha ama.... quero dizer: de minha filha. Ai, gentes! (*Aparte.*) Que olhos! (*Alto.*) Adeus, Virgínia! (*Ao doutor que se inclina.*) Levantar cabeça! (*Desce a escada do fundo, cantando.*) Tur, lu, tu, tu... (*Desapparece.*)

SCENA XI

o DOUTOR, VIRGINIA

VIRGINIA.

Vamos! ergue a ponta do véu.... Tu sabes que a curiosidade foi sempre o meu fraco.... Estás envolvido em alguma conspiração?... E minha filha, minha pobre filha, arriscada a ficar sem pae?! Olha que não é por ti, miseravel; não é por ti que temo: é por ella, ouviste? E' só por ella!

DOUTOR.

Reveste-te de todo o sangue-frio, e escuta.

VIRGINIA.

Falla.

DOUTOR.

Sou um miseravel, dizes tu. Pois bem: não receias que esse miseravel não possa dar boa educação a tua filha?

VIRGINIA.

Tanto receio, que só as exigencias do primo Bernardino me obrigam a confiar-te em deposito sagrado.

DOUTOR.

(*Tomando-lhe o pulso.*) E o que dirias tu....

VIRGINIA.

Olha que não tenho febre !

DOUTOR.

Não ! Tomo-te o pulso para fazer mais effeito.... E o que dirias tu, si, em vez de ser a pobre rapariga, filha do acaso e da occasião, ella se tornasse a moça mais prendada e a mais rica de toda a ilha dos Cajueiros?! (*Inflammando-se.*) Crescesse coberta de ouro e prata, de sedas e veludos, rodeiada de innumerous vassallos, a disputar entre si a honra de lho beijar os pés?!

VIRGINIA.

Enlouqueceste ! Fôra mister que minha filha houvesse nascido princeza !

DOUTOR.

O nascimento não quer dizer nada ; aqui estou eu, que não nasci doutor.

VIRGINIA.

Explica-te.

DOUTOR.

Em duas palavras : como sabes, sua magestade el-rei Caju é estúpido como uma porta....

VIRGINIA.

Como duas portas....

DOUTOR.

Como trez, e não fallemos mais nisso.— Imaginou que a medicina podesse fazer com que a creança que está para vir á luz pertencesse....

VIRGINIA.

Já sei : ou é uma menina, ou morres....

DOUTOR.

Morro, não : matam-me.—O meu plano é este : tu és a ama escolhida para amamentar o real pimpolho ; eu sou o medico parteiro. Combinamo-nos, e, na occasião do parto, trocamos as bolas !

VIRGINIA.

Que bolas ?

DOUTOR.

As creanças.

VIRGINIA.

Ah !

DOUTOR.

Que te parece ?

VIRGINIA.

Mas el-rei não tem que assistir ao parto ?

DOUTOR.

El-rei é myope : grau cinco ; não vê nada sem luneta ; farei com que a perca.

VIRGINIA.

Mas o primo Bernardino reclama-me.

DOUTOR.

Logo que houver nascido o menino....

VIRGINIA.

Como sabes que é um menino ?

DOUTOR.

(Gravemente.) Eu sou medico, senhora.

VIRGINIA.

Bem sei.

DOUTOR.

Logo que houver nascido, darás parte de doente e serás substituída....

VIRGINIA.

Mas...

DOUTOR.

Tu vaes casar-te ; si nossa filha ficasse em meu poder, a sociedade obrigar-te-ia a esqueceres-te d'ella. Reflecte bem : assim como assim, não seria melhor que tua filha fosse antes a filha do rei Caju ? Em vez da pobre moça sem mãe, a poderosa princeza dos Cajueiros?...

VIRGINIA.

Mas.... é um esbulho!

DOUTOR.

Esbulho é enforcarem-me!

VIRGINIA.

O que se ha de fazer do principe real? Quando digo o principe real, quero dizer: o que na realidade é principe.

DOUTOR.

Queres vêr? (*Vae á grade do fundo e acena para o jardim.*)

VIRGINIA.

O que fazes?

DOUTOR.

Vaes vêr.

SCENA XII

o DOUTOR, VIRGINIA, MARCOS

MARCOS.

(*Ao fundo.*) Cá estou. (*Dirigindo-se ao doutor.*) Thereza ignora.... (*Cala-se, vendo Virginia.*)

DOUTOR.

Podes fallar.... esta senhora não é de mais.

MARCOS.

Thereza ignora de onde lhe veio o dinheiro.... Eu disse-lhe que era producto de uma subscrição.

DOUTOR.

Bem. (*Tirando um lapis e uma folha da carteira.*) Espera. (*Escreve. Musica na orchestra.*) « Thereza. Faze de conta que esse menino é o filho que perdeste; circumstancias de força maior me obrigam a occultar-lhe o nascimento. Dá-lhe o nome que quizeres: Paulo, Sancho ou Martinho. Mando-te uma bolsa: é para as primeiras despesas. Todos os mezes ser-te-á remettida

uma quantia com que possam, tu e teu filho adoptivo, viver ao abrigo de toda e qualquer necessidade. Educa-o bem.» (*Declamando.*) E' quanto basta. (*Escrevendo.*) Mixture e mande. (*Riscando.*) Ora esta! julguei que estivesse fazendo uma receita. (*Ergue-se ; cessa a musica.*) Toma este bilhete, ó Marcos. (*Leva Marcos até a grade do fundo ; desce alguns degraus da escada com elle e aponta para a direita.*) Vae collocar-te juncto á segunda janellinha azul que se vê d'aqui, e espera. Tenho de entregar-te lá uma creança, que depozitarás com este bilhete e esta bolsa na porta de Theresa.

MARCOS.

Um engeitado!

DOUTOR.

Cuidado! Tracta-se de um grande segredo. O teu silencio será largamente remunerado.

MARCOS.

E' quanto manda?

DOUTOR.

Todos os mezes virás ter comigo ; dar-te-ei uma quantia que farás chegar mysteriosamente ás mãos de Thereza.

MARCOS.

Sim, senhor.

DOUTOR.

De fórma alguma deve ella saber a origem

MARCOS.

Fique socegado. (*Querendo descer.*) E' quanto manda?

DOUTOR.

E'. (*Marcos desce um degráu.*) Ah! (*Detem-o.*) Sabes quem vem alli? (*Aponta para baixo.*)

MARCOS.

El-rei !...

DOUTOR.

Approxima-te d'elle sem que te presinta e arrebatá-lhe a luneta! (*Movimento de Marcos.*) Não te assustes : sem luneta el-rei não vê coisa alguma : é myope : grau cinco.

MARCOS.

Nesse caso, é facillimo. (*Desce um degráu e pára, para perguntar.*) Assegura-me que posso fazer tudo isto sem correr perigo?

DOUTOR.

(*Que já tem voltado á scena.*) Asseguro. (*A' meia voz.*) Tracta-se de salvar a honra de uma donzella de honor.

MARCOS.

Bem. (*Aparte, referindo-se a Virginia.*) Deve ser aquella : tem cara de resguardo. (*Desapparece.*)

SCENA XIII

O DOUTOR, VIRGINIA, a ENFERMEIRA

ENFERMEIRA.

(*Saindo dos aposentos da rainha.*) Senhor doutor ! Senhor doutor !

DOUTOR.

Já ? !

ENFERMEIRA.

Já.

DOUTOR.

Bem. Vá prevenir o mestre de cerimoniaes. Os seus serviços são desnecessarios alli. (*A enfermeira sae.*)

VIRGINIA.

São horas ?

DOUTOR.

São. Vamos, entra. Vou apresentar-te á rainha ; traze a menina.... Vou pol-a á mão.... (*Virginia pega na creança e entra para o quarto da rainha.*) Decididamente sou um homem feliz ! Sem arredar pé desta sala, arranjei tudo ! (*Acompanha Virginia.*)

SCENA XIV

NHECO, CORTEZÃOS, DAMAS DO PAÇO, depois o DOUTOR,
depois EL-REI

(Entram pela esquerda, segundo plano, precedidos por Nheco.)

CÔRO

Cautos, cautos,
E precautos,
Vamos todos esperar
Que a rainha,
Coitadinha!
Dê á luz a creancinha
Que ha de um dia governar.

NHECO.

Eu cá de cerimoniaes mestre
Da côrte sou!
Do são Fulgencio ao são Silvestre,
Suado estou!
Entra semestre e sae semestre,
E eu sempre a pé!
Mestre encontrar que não palestre
Difficil é!
Quando eu morrer, estatua equestre
Terei, olé!

DOUTOR, *(apparecendo.)*

Nheco, nestes aposentos
A ninguem conceda ingresso!

NHECO.

Isso está já por momentos?

DOUTOR.

Vae-se dar o bom successo....

CÔRO.

Bom successo!
Vae-se dar o bom successo!

NHECO.

Já lá está de leite a ama?

DOUTOR.

Já lá está !

NHECO.

Tudo o que manda o programma ?

DOUTOR.

Lá está já !

NHECO.

E a madama ?

DOUTOR.

Que madama ?

NHECO.

A parteira, meu amigo !

DOUTOR.

Este seu criado é.

NHECO.

Isto agora é brincadeira !

Doutor, quer mangar comigo ! ?

DOUTOR.

Do riscado entendo, olé !

CÔRO.

Olaré !

Olaré !

Do riscado entende, olé !

DOUTOR.

Onde está el-rei Caju ?

NHECO.

E' verdade: el-rei Caju ?

CÔRO.

Onde estás tu,

El-rei Caju ?

EL-REI, (*vindo do fundo a tactear, sem luneta.*)

Cá estou ! cá estou ! por Belzebuth !

Estava eu lá—parece incrível !
A passear pelo jardim,
Quando uma sombra horrenda, horrível,
Cae do ar por cima de mim !
Era um phantasma
Deste tamanho !...
Oh ! si te apanho,
Faço-te assim....

CÔRO.

Era um phantasma !
E' caso estranho,
Que a todos pasma !

EL-REI.

Quero apanhal-o,
Vou segural-o ;
Mas o ratão
Piza-me um callo !
Eis que resvalo....
Bumba ! no chão !
Perco a luneta
E o sangue frio !
Parece peta !
Que corropio !
Caio aqui, caio acolá !
Acho-me cego !
Negro qual prego
Tudo em meu redor está !...
Era um phantasma
Etc. etc.

CÔRO.

Era um phantasma !
Etc., etc.

DOUTOR.

Real senhor, não ha um momento a perder !

EL-REI.

Quem vae ao meu quarto buscar outra luneta ? (*Entra
um cortezão á direita, segundo plano.*)

DOUTOR.

Senhor, senhor ! Vêde o que prescreve a Constituição !

EL-REI, (*zangado.*)

Ora ! a Constituição !

DOUTOR.

Venha, venha, real senhor! *(Fal-o entrar á força para os aposentos da rainha e entra tambem. Fecha a porta por dentro.)*

NHECO.

(Aos cortezãos.) Que vida trabalhosa a minha! Não de crêr que, desde que estou ao real serviço de sua magestade, ainda não tive tempo de tomar um banho!

TODOS.

Oh!

NHECO.

E' o que lhes digo.... Ainda agora, eu ia descendo para o banheiro, quando a enfermeira veio prevenir-me.... Vamos a isto.

(O cortezão, que tinha ido buscar a luneta do quarto do rei, volta com ella.)

SCENA XV

NHECO, FIDALGOS, FIDALGAS, depois OS MINISTROS, depois OS CONSELHEIROS DE ESTADO, depois a BAILADEIRA DO PAÇO, depois EL-REI.

FINAL

NHECO.

Agora é já, sem mais tardar,
A porta sellar!

(Um pagem tem trazido lacre, luzes e carimbos em uma bandeja de ouro. Dous cortezãos lacram e sellam as portas do aposento da rainha.)

CÔRO.

Agora é já, sem mais tardar,
Lacrar, sellar,
Sellar, lacrar !...

NHECO.

Nesta sala esperar deve,
 Segundo a Constituição
 Prescreve,
 Todo o conselho de estado,
 E o ministerio—pois não!—
 Fardado.

CÔRO.

Eis o conselho de estado,
 Respeitavel, respeitado!
*(Entrada de meia dúzia de conselheiros muito velhos, a dansarem
 de mãos dadas uns aos outros.)*

Tur lu tu tu,
 Tur lu tu tu!

Tem bom conselho el-rei Caju!
 — Eis que chega o ministerio,
 Muito serio, muito serio....

*(Entrada de meia dúzia de ministros, com suas respectivas pas-
 tas, a marchar uns atraz dos outros.)*

Tur lu tu tu,
 Tur lu tu tu!...

Ministros são d'el-rei Caju!..

CÔRO GERAL.

Cautos, cautos
 Etc., etc.

NHECO.

Agora exijo
 Que danse um passo,
 Em signal de regosijo
 A bailadeira do paço!

(Entra uma bailadeira.)

PASSO DE DANSA.

*(Findo o passo de dansa, abre-se violentamente a porta lacrada,
 e entra el-rei Caju, trazendo nos braços uma creança, envol-
 vida n'um rico manto bordado a ouro.)*

EL-REI.

A luneta! a luneta!...
 Quero vêr a principeta!...

(Collocam-lhe a luneta no nariz.)

Que linda está!!

CÔRO.

Que linda está!

A CRIANÇA, (*chorando.*)

Ah! ah! ah! ah!....

EL-REI.

Que linda é!

CÔRO.

Que linda é!

A CRIANÇA.

Eh! eh! eh! eh!

EL-REI.

Mais nunca vi!

CÔRO.

Mais nunca vi!

A CRIANÇA.

Ih! ih! ih! ih!

EL-REI.

Linda ella só!

CÔRO.

Linda ella só!

A CRIANÇA.

Oh! oh! oh! oh!

EL-REI.

Que linda és tu!

TODOS, (*imitando a criança.*)

Uh! uh! uh! uh!

EL-REI.

Nheco, vê que já se ri....

Dez minutos tem de idade!

NHECO.

Não admira, pois é fi-

Lha de vossa magestade!

(*Espalha-se na sala dos espectadores um cheiro de alfazema.*)

EL-REI.

Oh ! que cheiro de alfazema !

NHECO.

Oh ! que cheiro de alfazema !

TODOS, (*aspirando.*)

Um ! um ! um ! um !

Que bonissimo systema

O de queimar alfazema,

Si ao mundo vem

Gentil nen-nen !...

EL-REI.

Estou louco de amor

E de prazer possesso !

Nomeio o meu doutor

Barão do Bomsucesso !...

(*A' bocca de scena.*)

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

'Stá satisfeito el-rei Caju !

TODOS.

Tur lu tu tu !

'Stá satisfeito el-rei Caju !...

ACTO PRIMEIRO

Praia. Ao fundo, o mar. A' esquerda, uma cabana. A' direita uma grande arvore, cujas ramagens, prolongando-se, formam as bambolinas.

SCENA PRIMEIRA

MARCOS, PESCADORES, depois CREADAS

Ao erguer o panno, a scena está vazia.

INTRODUÇÃO

CÔRO, *(ao longe)*

Do lar ao rimanso

Lá vou,

Que a vez do descanso

Chegou !

(Chegam á praia duas canôas tripoladas por Marcos e pescadores, que saltam para terra, trazendo cestos de peixe.)

CÔRO.

Que viver folgado,

Pesar de arriscado,

Viver a pescar!

Não ha quem se queixe

De haver pouco peixe

No fundo do mar.

MARCOS.

Tocae as buzinas,

E venham, meninas,

O peixe comprar !

(Toque de buzina pelos pescadores.)

TODOS.

Ao som das buzinas

Vão vir as meninas

O peixe comprar!

(Entra um grupo de creadas, munidas de cabazes.)

CREADAS.

A noite começa
Começa a cahir,
Por isso depressa
Nos devem servir.

PESCADORES.

A noite começa
Começa a cahir,
Por isso é depressa
Que as vamos servir.

(Durante este côro as creadas enchem os seus cabazes de peixe que compram e pagam aos pescadores.)

AS CREADAS.

Adeus! Adeus!

MARCOS.

Um momento!

Que minha voz eu vou soltar ao vento!

BARCAROLA.

I

Minha barquinha ligeira,
Feiticeira,
Leva-me longe d'aqui!
Singra esse mar docemente,
Suavemente....
Eu todo me entrego a ti!
Ai, lô lê!
Ai, lô lê!
Ao largo, qu'enche a maré!

TODOS.

Ai, lô lê, etc.

MARCOS.

A lua triste e formosa
Surge airosa,
Surge airosa lá nos céus!
E a brisa que ajuda o leme
Chora e geme
Passando nos mastareus.
Ai, lô lê! etc.

(A's creadas).—Estou satisfeito. Podem ir embora.

AS CREADAS.

Adeus, adeus! (*Saem por diversos lados, como entraram.*)

MARCOS.

Bem. Desta vez os cestos ficaram vazios.— Rapazes, a noite parece que é boa.... Vão tractar da vida, que a morte é certa.

OS PESCADORES.

Até amanhã, Marcos! (*Entram para as canôas.*)

MARCOS.

Até amanhã.

CÔRO DE PESCADORES.

Do lar ao rimanso

Lá vou,

Que a vez do descanso

Chegou!

(*As canôas afastam-se e as vozes perdem-se ao longe.*)

SCENA II

MARCOS

A ocasião é excellente. A tia Thereza está sosinha em casa e Paulo erra nos mares, a pescar sardinhas e a entoar barcarolas. Vamos lá deixar a mezada. (*Tira uma bolsa e vae deital-a por baixo da porta de Thereza.*) Prompto! E dizer que faço isto ha vinte annos! Toca a safar! (*Vae saindo. Thereza abre a sua porta.*)

SCENA III

MARCOS, THEREZA

THEREZA.

(*Vendo-o.*) Adeus, ó Marcos! (*Dando com a bolsa.*) Ah! cá está.... cá está....

MARCOS.

(*Voltando.*) Olá, tia Thereza!... (*Aparte.*) Si me vio....

THEREZA.

Que novas me das de Paulo ? Viste-o por ahi ?

MARCOS.

Vi-o a pescar.

THEREZA.

Saio de casa pela madrugada.... vae cahir a noite, e nem signal ! E' incorrigivel ! Só a minha paciencia !

MARCOS.

(*Que tem deitado lume a um cachimbo.*) Na verdade, dão muito que fallar os modos mysteriosos de seu filho.

THEREZA.

Meu filho.... Antes o fosse !

MARCOS.

Mas é como si o fosse : vive em sua companhia desde a tenra idade.

THEREZA.

Quando veio para a minha companhia, ha vinte annos, poderia ter poucas horas de nascido. Foi n'uma epoca terrivel para mim.... Meu marido e meu unico filho haviam morrido.... eu estava reduzida á mais negra miseria....

MARCOS.

Mas Paulo foi o seu anjo bom ; não é assim ?

THEREZA.

Dizes bem : foi o meu bom anjo. Engeitaram-o á minha porta, é verdade ; mas, ao mesmo passò que me sobrecarregavam com a pensão de educal-o, substituíam meu filho e garantiam-me subsistencia honrada.

MARCOS.

(*Aparte.*) A quem ella o diz....

THEREZA.

Entre os pannos em que o envolveram, achei uma bolsa recheiada e uma carta que assim dizia : (*Recita a carta escripta pelo doutor no prologo. A mesma musica na orchestra.*)

MARCOS.

E a tia Thereza, justiça se lhe faça, cumpriu religiosamente a mysteriosa incumbencia.

THEREZA.

Cumpr. Dei ao menino o nome de Paulo, que, dos tres apontados, foi o que melhor me pareceu. Recebeu uma educação de principe.

MARCOS.

De principe ?

THEREZA.

Isto é um modo de fallar.

MARCOS.

E todos os mezes é infallivel o dinheiro ?

THEREZA.

(*Mostrando-lhe a bolsa.*) Vês ? Agora mesmo acabo de encontrar, mettida por baixo da porta, a mezada correspondente ao mez que hoje principiou. Graças a esse dinheiro, a nossa existencia tem sido descansada e feliz. O que me dá que pensar, é a negação absoluta que Paulo, desde os mais verdes annos, revelou pelo trabalho. Quando soube do mysterio em que se acha envolvido o seu nascimento, e da mezada certa que eu percebia, disse: Bem! esse dinheiro chegamos : não é preciso trabalhar.

MARCOS.

Nasceu para fidalgo....

THEREZA.

Nasceu fidalgo, debes dizer. O seu prazer é andar pelos bosques ou pelo mar : quem lhe tirar a caça ou a pesca, tira-lhe tudo.

MARCOS.

E, segundo me consta, é outro exquisitão a respeito de mulheres....

THEREZA.

Não fazes idéa, Marcos ! Nunca ninguem lhe conheceu namoro ! A Petronilha.... sabes ?

MARCOS.

Sei, tia Thereza ..

THEREZA.

Pois bem : a Petronilha gosta delle.... Estou mesmo convencida de que o ama de véras.... e não ha meio !

MARCOS.

Deixe lá, tia Thereza : Paulo não é nenhum sancto ; aquillo é que as faz pela calada.—Olhe, si me não engano, é elle que alli passa ao largo.

THEREZA.

E' elle.... é...

MARCOS.

Deixa-se levar pela correnteza....
(Paulo passa pelo fundo, sentado á prôa de uma canôa, que desliza suavemente nas aguas, e canta o seguinte.)

BARCAROLA

‘) mar que ruge raivoso
 Medo nunca me causou!
 As minhas velas ás brisas,
 A's brisas eu soltar vou.
 Meu Deus, como se parecem,
 Quando a noite é de luar,
 Os pyrilampos da terra
 Co'as ardências do mar.

(Desapparece pelo lado opposto.)

MARCOS.

Bom. Vae longo o palanfrorio. Adeus, tia Thereza.

THEREZA.

Vou contigo. Tenho que dar umas voltas. Deixa-me dar uma á chave.

MARCOS.

Uma ! o que ?

THEREZA.

Uma volta. *(Tira a chave e mette-a por baixo da porta.)*
 Cá fica por baixo da porta. Paulo já sabe onde a deve encontrar.

MARCOS.

Vamos, tia Thereza. (*Saem.*)

SCENA IV

PETRONILHA

(*Entra arrebatadamente pelo lado opposto áquelle por onde saíram Marcos e Thereza.*)

COPLAS

I

Eu sou Petronilha,
Moça original,
Que não tem rival
Em toda esta ilha ;
Ninguém pelos campos
Me apanha a saltar ;
E lá recuar
Nem chuvas, relâmpos,
Coris os
E riscos
Que sempre formigam,
Me obrigam !
Eu sou Petronilha, etc., etc.

II

Como eu quem maneja
Qualquer varapau ?
De faca e calhau
Não sei quem mais seja !
S'tou doida de amores :
Meu fraco aqui está ;
Mas olhem que lá
Cabellos e flôres,
E cousas,
E lousas
Que as outras empregam,
Não pegam !
Eu sou, etc.

Paulo já deve estar de volt. (*Batendo á porta.*) Paulo !
Paulo ! Dar-se-á caso que não voltasse ainda ?... (*Bate.*)

A tia Thereza, essa não está, que a vi ir daquelle lado em companhia de Marcos. (*Batendo.*) Paulo! Paulo! Aposto que não quer abrir, porque já me reconheceu a voz! E não é outra coisa! Pirracento! (*Bate.*) Qual! (*Desce á scena.*) E dizer que me entrou este amor no coração como uma praga! Amo-o, adoro-o, e elle despreza-me, como si eu não fosse digna de seus cuidados! — Ah! mas agora resolvi mudar de tactica, e exigir o seu amor, como os salteadores exigem a bolsa ou a vida dos viandantes na estrada. A mulher está no seu direito, deixando de corresponder a este ou áquelle affecto, mas o homem... Faça-me o favor! Nada! ha de ir por aqui, si por aqui o mandarmos. Era o que faltava: estar eu agora á mercê dos caprichos do senhor Paulo! Ou elle ama-me, ou deito-me a perder! (*Vae bater á porta.*) Paulo! Paulo! Abre, abre ou deito hombros á porta! Ah! não ouves? não queres abrir?! Lá vae! (*Tenta arrombar a porta. Durante a ultima parte deste monologo, Paulo tem entrado pelo fundo e observado.*)

SCENA V

PETRONILHA, PAULO

PAULO.

(*Do fundo.*) O' mulher, não me escangalhes a porta!

PETRONILHA.

(*Puxando-o pelo braço á bocca da scena.*) Ha duas horas que estou a bater!

PAULO.

E que culpa tenho eu, disso?

PETRONILHA.

Não podias ter dito que não estavas em casa?

PAULO.

Vamos saber: o que deseja a senhora? Si ainda me vem offerecer o seu amor, o melhor é calar-se, porque, a esse respeito, resolvi pôr em pratica o adagio: orelhas moucas a palavras oucas!

PETRONILHA.

Sim, senhor: tracta-se de amor, mas note bem: não lh'o venho offerecer: venho impor-lh'o; entende? Arrebatal-o, arrancal-o á força desse coração de pedra!

PAULO.

Ora ouve, e deixa-te de desatinos!

PETRONILHA.

Vamos lá!

PAULO.

COPLAS

I

Mal empregaste esse affecto:
Vê si o empregas melhor;
Vae procurar outro objecto
Para o teu férvido amor.
Si te causo algum desgosto,
Bem mereço o teu perdão,
Pois amor não é imposto,
Lançado no coração.

PETRONILHA.

Si eu fosse de faniquitos,
Trimiliques, trimilaques,
Dava agora quatro gritos,
Tinha agora tres ataques!...

PAULO.

II

A correnteza de um rio,
Si alguma pedra topar,
Ha de tomar um desvio,
Ha de outro rumo tomar;
Faze tu como o regato,
Essa pedra, eil-a aqui está....
Tão bom conselho e sensato
Ninguem te deu nem te dá.

PETRONILHA.

Si eu fosse, etc., etc.

PAULO.

Que queres que eu te faça ? Reconheço que és uma excelente rapariga, que nada deixa a desejar : bonita, virtuosa, trabalhadeira....

PETRONILHA.

E apatacada.

PAULO.

Isso é o menos; mas enfim.... és uma mulher como se quer. Feliz do homem que se fizer teu marido !

PETRONILHA.

Então ? O que mais queres tu ? Amo-te, por que te distingui de todos os pintalegres da ilha, e tu desprezas tão generoso affecto !

PAULO.

O meu coração não foi feito para o amor. Adeus, minha amiga, não me queiras mal; offereço-te uma amisade de irmão, como nos romances. Aceitas ? Si aceitas, muito bem; si não, viva !

PETRONILHA.

Nada ! não quero assim ! Desejo que me ames para casar.

PAULO.

Isto é o que se chama a faca aos peitos !

PETRONILHA.

Vamos : faze-me a vontade.

PAULO.

Não está em minhas mãos.

PETRONILHA.

Mas está em teu coração; procura bem, que acharás.

PAULO.

Não tenho coração.

PETRONILHA.

Anda, dá cá um beijo, e eu te mostro si tens ou não tens coração....

PAULO.

Estás douda! Eu dou lá beijos no meio da rua! (*A scena vae ficando escura a pouco e pouco.*)

PETRONILHA.

Então entremos.... Onde está a chave?

PAULO.

Tu enlouqueceste, mulher!

PETRONILHA.

Vae, pedaço d'asno! A culpada sou eu, que me não devia apaixonar por um engeitado!

PAULO.

Si sou o engeitado da familia, tu és a engeitada do amor. Ella por ella!

PETRONILHA.

Olha que te esmurro!

PAULO.

Pois esmurra! (*Procurando a chave.*) Nem assim conseguirás que te eu ame! (*Abre a porta, entra e fecha-se.*)

PETRONILHA.

Paulo! Paulo!...

PAULO.

Adeus! adeus!

SCENA VI

PETRONILHA

Aqui anda coisa.... Quem não come é porque já comeu, dizia meu avô. Mas digo eu: quem não come está para comer. Deixa estar que não te perco de vista. (*Olhando para dentro.*) Quem vem alli?! Uma mulher com o rosto inteiramente encoberto por um véu! Quem sabe si.... (*Escondendo-se atraz da arvore.*) Observemos.

SCENA VII

PETRONILHA, escondida, a PRINCEZA, ao fundo,
PAULO, que sae da cabana cautelosamente.

PAULO.

São horas de chegar a minha mysteriosa amante. Custei
a vêr-me livre d'aquella maldita Petronilha!

PETRONILHA, (*aparte.*)

Obrigada.

PAULO, (*vendo a princeza.*)

Ah! Era tempo! Eil-a! (*Corre para a princeza e tral-a
à bocca da scena.*)

PETRONILHA, (*aparte.*)

Então? Sempre ha palpites....

DUETTO

PRINCEZA.

Paulo!

PAULO.

Meu anjo!

PRINCEZA.

Aqui me tens!
A tremer venho....

PAULO.

A tremer vens....

PRINCEZA.

Será saudade ou ciume
O abalo que sinto aqui?
A pobre rolinha implume,
Ao verde ninho arrancada,
Não fica tão magoada
Como eu, si longe de ti!

PAULO.

Será ciúme ou saudade
A causa desta emoção ?
Tristeza cruel me invade,
Pungente dor me quebranta,
Si tardas, ó minha sancta,
Si tardas, meu coração !

JUNTOS.

O' meu }
O' minha } amante,
Charo penhor,
Que doce instante
Do nosso amor !
Amo-te muito :
Ama-me assim !
Amo-te muito,
Meu cherubim !

PAULO.

Mas quero cism saber quem és, ó doce amada !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Ah ! si ella o diz, estou vingada !

PRINCEZA.

Saber não desejes,
Meu Paulo, quem sou !

PAULO.

Amor, não gracejes,
Que soffrego estou....

PRINCEZA.

Saber tu não deves
Quem sou, donde vim.

PAULO.

Porque não te atreves
A dizer-m'o a mim ?

PRINCEZA.

Segredos eu tenho....

PAULO.

Convenho, convenho ;
Mas diz-m'os !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Emfim !

PRINCEZA, (*com mysterio.*)

Eu a princeza sou dos Cajueiros !

PAULO

A princeza !... Tu ? !

PETRONILHA, (*aparte.*)

Tur lu tu tu

Tur lu tu tu !

A filha ! o' ceus ! d'el-rei Caju !...

(*Saindo, com gestos ameaçadores.*)

Vou-me vingar destes brejeiros !

PAULO.

E's a princeza !

PRINCEZA.

E no emtanto,

Amo-te tanto, amo-te tanto....

JUNTOS.

O' meu { amante,
O' minha }

Charo penhor,

Que doce instante

Do nosso amor !

Amo-te muito :

Amo-me assim !

Amo-te muito,

Meu cherubim !

SCENA VIII

PAULO, A PRINCEZA

PAULO.

Mas tu.... vossa alteza....

PRINCEZA.

Qual vossa alteza ! Tracta-me por tu.... Ora ahi está ! Por essas e outras é que eu queria guardar o incognito.

PAULO.

Princeza! Filha do rei! E' impossivel então que nos unamos! Nada pôde haver de commum entre nós, sinão o esquecimento mutuo.

PRINCEZA.

Porque?

PAULO.

Sou um pobre engeitado....

PRINCEZA.

Que importa! Fugiremos!

PAULO.

Fugir! pois ha de vossa alteza....

PRINCEZA.

Tracta-me por tu, sim?

PAULO.

Desprezarás as honras que te cercam, o sceptro de ouro que te aguarda, para seguir um miseravel, sem passado, sem presente e sem futuro?!

PRINCEZA.

Deixa dizer-te, e acredita: o viver da côrte me enfastia, faz-me mal aos nervos. Depois que morreu minha mãe, e já lá vão tantos annos, apoderou-se de mim um desapego tal pela côrte.... O que deu motivo a tanto azedume? Não sei, não sei.... O que é certo é que não me sinto princeza.... Os meus instinctos são todos burguezes e triviaes. Quizéra viver tranquillá, ao lado de um maridinho como tu.... a pontear meias, a marcar lenços....

PAULO.

Eu, o inverso, senhora! Porisso mesmo que nasci sem pae nem mãe; porisso mesmo que sou o infimo dos homens, sinto-me talhado para as regiões supremas do poder! Ah! que si eu podesse mandar cortar uma cabeça.... ou duas.... ou todas, como Caligula! Por ser o menor, desejava tornar-me o maior.... Para que? Para vingar-me talvez! Para ter occasião de desprezar os que me desprezam!

PRINCEZA.

Admiras-te de me ver aqui? O amor tinha para mim irresistível encanto. Eu não o conhecêra nunca, mas adivinhava-o.

PAULO.

Não o conhecias?

PRINCEZA.

Não ligava o nome. ... Quem se atreve na cõrte a levantar os olhos para a infanta? O amor é-lhe interdicto. Um dia, mandam o seu retrato a um principe de outro reino, e dizem-lhe, ao principe: Ahi vae a amostra, vêde si vos agrada. Si assim fôr, mandae buscal-a. E' sacrificando as princezas que se apertam laços entre as nações. Não nos casamos por amor: casam-nos por diplomacia. Ah! politica! politica!

PAULO.

Meu anjo!

PRINCEZA.

Ante-hontem, descobri no meu aposento uma porta secreta que dá para o jardim. Descobri no jardim outra porta secreta que dá para a rua.... E' hoje! disse eu comigo. E saí! Vi-te, e amei-te. D'ahi é que principiei a ligar o nome....

PAULO.

Mas.... si dão pela tua ausencia?

PRINCEZA.

Não dão. Tenho por costume fechar-me por dentro. O unico que poderia interromper a minha solidão é meu pae; mas esse anda todo entretido com a duqueza da Guarda-Velha!

PAULO.

A duqueza da Guarda-Velha!

PRINCEZA.

Uma fidalga estrangeira, que foi ha dias apresentada á cõrte... Uma excellente senhora. Ama-me como si me conhecesse de velha data. Diz-se no paço que meu pae casa com ella. E' uma felicidade! Eu não escolheria outra madrasta!

(Musica. Aparece no mar uma sumptuosa gondola, cheia de lanternas multicores. Dentro da gondola distinguem-se a duqueza da Guarda-Velha e o barão do Bom Succes-so.) Oh! céus! Saíamos, fujaamos d'aqui! E' ella!....

PAULO.

Ella quem?

PRINCEZA.

A duqueza da Guarda-Velha! O que virá aqui fazer? Ai! O barão vem com ella! Não ha mais tempo! Viram-me! Estou perdida! Condemnam-me á morte!

PAULO.

Cala-te! (Leva-a para a cabana.)

PRINCEZA.

Ah! (Entram ambos na cabana.)

SCENA IX

O BARÃO, A DUQUEZA, GONDOLEIROS e DAMAS de COMPANHIA

Noite completa. Luar.

CANTO

CORO GERAL.

Da Guarda Velha eis a duqueza!

Cá s'tá! Cá s'tá!

Melhor senhora com certeza

Não ha! Não ha!

BARÃO.

(Saindo da gondola e offerecendo a mão á duqueza para sair tambem.)

Eis-vos, emfim, chegada

A' praia desejada.

(Aparte.) Não sei porque,
Nem para que.

DUQUEZA.

Muito obrigada.

BARÃO.

Não ha de que.

DUQUEZA, (a uma dama.)

Manda embora os gondoleiros :
Volto a pé.

TODOS.

Volta a pé !

AS DAMAS.

Ide embora, gondoleiros,
Ide ligeiros,
Que a duqueza volta a pé !
Um de seus caprichos é.

GONDOLEIROS.

Da Guarda-Velha eis a duqueza ! etc., etc.

(As gondolas desaparecem com os gondoleiros, e as damas
ficam ao fundo.)

COPLAS.

I

DUQUEZA.

Não me foi a sorte avara,
Eu não me devo queixar.

BARÃO, (sempre aparte.)

Não me é estranha aquella cara.
Mas não me posso lembrar.

DUQUEZA.

A ventura bem se esconde ;
Mas, no emtanto, a descobri.

BARÃO.

Não sei quando, nem sei onde
Aquelles olhos já vi.

AS DAMAS.

Como é bella esta paragem !
Fresca aragem
Corre aqui !

II

DUQUEZA.

Da pobreza que victoria !
Pois duqueza eu hoje sou !

BARÃO.

Dou mil tractos á memoria
E, comtudo, em branco estou...

DUQUEZA.

'Spero em breve ser rainha,
Pois el-rei morre por mim !

BARÃO.

Ai, que cabeça esta minha !
Nunca vi cabeça assim !

AS DAMAS, (*descendo á scena.*)

Que logar ! que formosura !
Que frescura !
Que jardim !

DUQUEZA.

(*A's damas.*) Afastae-vos ! Ide admirar os prodigios desta natureza privilegiada. Preciso conversar a sós com sua senhoria, o senhor barão do Bom Successo. (*Aparte.*) A casinha deve ser esta.

(*As damas afastam-se para o fundo onde se dividem em grupos.*)

REPETIÇÃO.

AS DAMAS.

Que logar ! que formosura !
Que frescura !
Que jardim !

DUQUEZA.

Afinal ! Chegou enfim o momento ! (*Dirigindo-se ao barão e fitando-o.*) Olha bem para mim ! Não me conheces ?

BARÃO.

Duqueza !

DUQUEZA.

Desconheces-me ! não assombra ! ha vinte annos que não nos vemos.... as physionomias transformam-se....

BARÃO.

Ah! Virginia!!

DUQUEZA.

Mas ouve: eu reconheci-te á primeira vista. Assim devia ser: conservava de tia mais dolorosa impressão.... Era impossivel que se me varressem da memoria esses olhos, que me mentiram.... esses labios, que me mentiram.... esse nariz....

BARÃO.

Nada! o nariz é que te não mentio.... E folgo de vêr que ainda não déste de mão ao teu romantismo.

DUQUEZA, (*em outro tom.*)

Dê-me excellencia, barão.

BARÃO.

Dê-me senhoria, duqueza.... e expliquemo-nos — Desde que vossa excellencia chegou, que tenho buscado adivinhar em suas feições a physionomia de outra pessoa. Vossa excellencia é a Virginia, a minha pobre Virginia, emendada e consideravelmente augmentada Vossa excellencia dignar-se-á, si tanto mereço, explicar-me o modo pelo qual se operou tão estranha metamorphose.

DUQUEZA.

Muito simplesmente, barão: vossa senhoria lembra-se de que, logo depois de casado com o primo Bernardino, fomos, eu e elle, correr mundo? Depois de andarmos por Seca e Meca, resolvemos firmar a nossa residencia na ilha da Guarda-Velha.

BARÃO.

O que? Pois foram a Seca e Meca e não deram um pulo até Olivaes de Santarem, que é tão perto?....

DUQUEZA.

Oito annos depois, meu marido morreu deixando-me uma avultada riqueza. Dois annos depois da morte de meu marido, comecei a ser requestada pelo fidalgo mais poderoso da ilha, o duque da Guarda-velha, senhor feudal em dez leguas de terreno e homem de senso pratico. Casei com o duque da Guarda-Velha. Seis annos depois, enviuei pela segunda vez. Ha quatro annos que me succedeu essa catastrophe.

BARÃO.

Vejam de que escapei! Si me tivesse casado com vossa excellencia, estava a estas horas no outro mundo!

DUQUEZA.

Deixei passar no feudo a minha lua de mel....

BARÃO.

Outra?

DUQUEZA.

A lua de mel da viuvez... E aqui estou. Vamos ajustar contas, senhor barão: vossa senhoria sabe onde quero bater?

BARÃO.

Perfeitamente. Vossa excellencia quer bater áquella porta... Agora percebo porque a duqueza me pediu que a acompanhasse a este sitio....

DUQUEZA.

Ainda bem que o percebe. Sem querer, fui informada de que é alli que vive aquelle cujos direitos extorquimos por amor da cabeça de vossa senhoria e por amor de minha filha.

BARÃO.

De nossa filha, duqueza.

DUQUEZA.

De nossa filha, barão.—Pedi então a vossa senhoria que me acompanhasse a esta praia, para, de viva voz e em sua presença, informar-me si foram cumpridas as suas obrigações. Si assim não succedeu, trema: vossa senhoria não deve ignorar que foi hoje tractado o meu casamento com el-rei Caju.

BARÃO.

Não, senhora duqueza, e esse casamento é uma grande honra para mim.... porque, enfim, eu.... mas lembre-se vossa excellencia de que mesmo porque eu.... *in illo tempore* .. comprehende? não pôde lançar-me no abysmo, sem ser arrastada na queda pelo meu corpo....

DUQUEZA.

Emfim, viveremos como os anjos, si o barão cumpriu o que prometteu ha vinte annos. Serei feliz ao lado de minha filha....

BARÃO.

De nossa filha, duqueza.

DUQUEZA.

De nossa filha, barão.—Hei de habitual-a a dar-me o tractamento de mãe.

BARÃO.

Eu é que não posso obrigar-a a chamar-me pae.... e no entanto, amo-a....

DUQUEZA.

Sei que a ama, e agradeço-lhe.... Mas... vamos....

BARÃO.

Não é preciso : ahi vem a mulher a cujos cuidados está entregue o principe. Ella nos dirá....

DUQUEZA.

Silencio....

SCENA X

OS MESMOS, THEREZA, que vae atravessando a scena para entrar em casa, depois EL-REI

BARÃO, (*embargando-lhe a passagem.*)

Senhora Thereza....

THEREZA.

Quem é ?

BARÃO.

Um momento de attenção. Conhece-nos ?

THEREZA.

Ah ! o medico do paço!

BARÃO.

Então já vê que não somos para ahi quaesquer noctivagos.—Esta senhora deseja tomar certas informações....

THEREZA.

Estou ás suas ordens, minha senhora. Não quer entrar ?

DUQUEZA.

Por ora não. Diga-me cá.... *(Toma-a de parte e falla-lhe baixo. El-rei entra, embuçado dos pés á cabeça, sem ser presentido pela duqueza, e bate levemente no hombro do barão.)*

BARÃO.

El-rei !

EL-REI.

O que vieste aqui fazer em companhia da duqueza ?

BARÃO.

Sua excellencia quiz admirar esta praia.... Faz um luar esplendido.... Pediu-me que a acompanhasse....

EL-REI.

E' singular ! no momento em que firmamos o nosso contracto de matrimonio, abandona-me, para vir admirar uma praia ! Ah ! barão ! quem me vio e quem me vê ! Quem diria que aquelle el-rei Caju, o energico, havia de tornar-se um babão por esta mulher ! Julguei não dever contrahir segundas nupcias ; mas o amor, barão, o amor....

COPLAS

I

Para ser livre, tinha resolvido
Não mais casar-me. Que dirás, ó povo ?
Mais, ai ! de amores, ó barão, perdido,
Caio n'asneira de casar de novo.

O amor de nós dá cabo !

E' o diabo !

AMBOS.

E' o diabo !

EL-REI.

II

A ninguém poupa de Cupido a setta ;
Ninguém se isenta de ser alvo d'ella :
Si o mais altivo coração espeta,
O mais altivo coração debella !
O amor de nós dá cabo !
E' o diabo !

AMBOS.

E' o diabo !

EL-REI.

E sabes o que aqui me trouxe, barão ? O ciume.... Ora aqui tens tu: teu rei tem ciumes !—Quem é aquella mulher com quem conversa a duqueza ?

BARÃO.

Uma pobre creatura.... A duqueza, sempre que se lhe apresenta ensejo, dá expansão ao sentimento da caridade, que é o apanagio de seu bonissimo character.

EL-REI.

Ah !

DUQUEZA.

Muito bem. Aprecio as suas virtudes, e hei de premial-as. (*Voltando-se.*) Estou satisfeita, barão. (*Vendo o rei.*) Quem é ?

EL-REI.

(*Desembuçando-se.*) Eu, duqueza !

THEREZA.

(*Aparte.*) El-rei ! Que quer isto dizer ? ! (*Entra em casa.*)

DUQUEZA.

(*Perturbada.*) Vossa magestade ! Que agradavel surpresa !

EL-REI.

Porque não me ordenou que a acompanhasse ?

DUQUEZA.

Oh ! senhor.... não me atrevia....

EL-REI.

Nada de cerimonia.... Não sei estar um instante longe da duqueza.... Estou cahido, estou derreado.... Oh ! como a amo !

BARÃO.

(Que tem olhado para os bastidores.) O que é aquillo ? Um grupo !

EL-REI.

Vamos para alli. Não convem que nos reconheçam. *(Reunem-se os tres ás damas que se conservaram ao fundo.)*

SCENA XI

Os mesmos, os MINISTROS, NHECO, PETRONILHA
(Os ministros e Nheco trazem cada um a sua lanterna furta-fogo na mão. Petronilha conduz-os.)

FINAL

PETRONILHA.

Já cá não estão !

(Apontando para a cabana.)

Entrem ; alli os acharão !

NHECO.

Isto parece estranho !

Ha já vinte annos que não tomo banho !

PETRONILHA.

Não ha tempo a perder !

Os melros podem as azas bater !

(Dirigem-se todos com muito mysterio para a cabana.)

NHECO.

Vamos lá ! vamos lá !

NHECO E MINISTROS.

Cautela !

Cautela !

Baixae a voz !

Que a bella

Que a bella

Não dê por nós....

OS OUTROS.

O que quer dizer aquillo ?
Que quer aquillo dizer ?

BARÃO.

Eu não estou nada tranquillo !

DUQUEZA.

'Stou a tremer !

DAMAS.

'Stou a tremer !

NHECO, (*batendo á porta.*)
Em nome abrí d'el-rei Caju !

EL-REI.

D'el-rei Caju !

TODOS.

Em nome d'el-rei Caju !...

(*Abre-se a porta e entram na cabana Petronilha, Nheco e os ministros, repetindo o côro.*)

Cautela ! etc.

SCENA XII

EL-REI, BARÃO, DUQUEZA, DAMAS, CORTEZÃOS,
depois NHECO, PETRONILHA, PAULO, a PRIN-
CEZA, os MINISTROS.

CÔRO DE CORTEZÃOS.

(*Entrando em confusão.*)

Será possível !
Não pôde ser
Que succeder
Possa este facto ;
Mas, si assim for,
Que espalhafato !
Que horror ! Que horror !

OS QUE ESTÃO AO FUNDO.

O que será ?

O que haverá ?

Do paço a gente toda aqui está !...

(Saem da cabana os ministros e Nheco, segurando em Paulo e na princeza. Acompanha-os Thereza e Petronilha. Assombro geral. Perturbação do barão e da duqueza.)

NHECO E OS MINISTROS.

Cá 'stão !

Precisam bem de uma lição !...

EL-REI.

Exijo disto explicação !

NHECO.

Quem és tu ?

EL-REI, *(deixando cair a capa.)*

El-rei Caju !.

TODOS.

El-rei Caju !...

NHECO.

Somente vos direi

Que vossa filha está perdida, ó senhor rei !

EL-REI.

Perdida !

DUQUEZA.

Perdida !

BARÃO.

Perdida !

TODOS.

Perdida !

EL-REI.

Por minha vida !

Vaes-me explicar no mesmo instante !

PRINCEZA.

Pois não ! Pois não ! Eis meu amante !

PAULO.

Sou seu amante !

PAULO E A PRINCEZA.

Estamos perdidos !

Fatal situação !

E em breve mettidos

Em negra prisão !...

CONCERTANTE.

DOUTOR E A DUQUEZA.

Não posso salvar-me !

Fatal situação !

Vae prejudicar-me

Tal complicação !

EL-REI.

Eu caio !

Desmaio !

Tombar vou no chão !

Foi como que um raio !

Foi um furacão !

TODOS.

Immoveis de pasmo

Todos aqui estão !

Que enorme sarcasmo !

Que insulto á nação !...

PAULO E A PRINCEZA.

Que desgraça infinda !

Que negro soffrer !

Tão novos ainda,

Nós vamos morrer !

REPETIÇÃO DO CONCERTANTE.

EL-REI.

Tudo esqueceste, tudo, princeza !...

PRINCEZA.

Meu pae, attenda !

EL-REI.

Não sou teu pae !
E tremam todos ! A vossa alteza
Castigo horrendo ser dado vae !

TODOS.

Ser dado vae !

EL-REI.

I

Quer como pae, quer como rei,
Abuso tal castigarei !
Mas conheço,
Reconheço
Que o amor de nós dá cabo....
E' o diabo !...

TODOS.

E' o diabo !

EL-REI, (a Paulo.)

II

E a ti, plebeu, villão ruim,
Mandarei dar na forca fim !
Mas no entanto,
Não é sancto !
E o amor de nós dá cabo....
E' o diabo !...

TODOS.

E' o diabo !...

EL-REI.

Senhores meus minstros,
Tomae ares sinistros,
E os dois heroes levae !

(*Encarando Paulo.*)

Mas agora reparo !
Caso realmente raro !
Este insensato
De minha mulher é o retrato !...

TODOS.

Justiça ! Justiça !
Justiça fatal !
Não haja preguiça
Para um caso tal !

PAULO E A PRINCEZA

Cruel castigo
Não nos importe !
E' doce a morte
Ao lado teu !
Viver na terra
Não nos é dado !
Vem ao meu lado
Viver no céu !

CORO GERAL.

Mas na verdade,
Na realidade,
O amor de nós dá cabo....
E' o diabo !...
E' o diabo !...

ACTO SEGUNDO

Sala do conselho no palacio d'el-rei Caju. A scena está armada para um julgamento. No centro uma mesa, coberta com veludo. Bancos em volta.

SCENA PRIMEIRA

CORTEZÃOS, depois NHECO, depois os MINISTROS,
depois EL-REI.

Ao levantar o panno, cada um dos cortezãos está a arranjar os bancos, e a espanal-os. De vez em quando param o seu serviço e impõem-se mutuamente silencio.

CÔRO.

Pscio ! Pscio ! Pscio !...

Ninguém levante a voz neste salão!

Haja silencio e discrição !

Pscio ! Pscio ! Pscio !...

(Entra Nheco. Todos se curvam.)

NHECO.

Oh ! não façaes cerimoniaes

Com quem dellas mestre está !

(Recommendam-lhe silencio, e, por gestos, pedem que lhes diga o que se tem passado.)

Vós sois pessoas idoneas:

Vou dizer-vos o que ha.

Atenção !

TODOS.

Pscio !

NHECO, *(baixo.)*

Atenção !

TODOS.

Pscio !

Haja silencio e discrição !

[NHECO, (com mysterio.)

I

Caso exquisito
Que é de pasmar,
Facto inaudito
De embasbacar,
Hontem, constricto,
Presenciar
Fui muito afflicto,
Quasi a chorar !

CORO.

Psio !...

NHECO.

II

Digo e repito
Que é de assombrar !
Nomes não cito,
Que, si os citar,
Desacredito
Quem devo amar !
Nomes evito
Pronunciar....

CORO.

Psio !. .

NHECO.

III

Eu me limito
Tal nova a dar;
Nomes omitto,
Que é mau palrar....
Não facilito....
Sei me guardar !
Tudo hei vos dito....
Vou-me banhar !

(Vae fugindo. Os outros impedem-lhe a passagem.)

OS CORTEZÃOS.

Não se vá !
Venha cá !
Do que ha
Nos fará
Narração,
Confissão !
Far-nos-á
Descrição !

NHECO.

(Volta, e, depois de muito mysterio, irrompe alto.)

Tra la la la !
Mettida em máus lençóes nossa princeza está !

TODOS.

Tra la la la !
Etc., etc.
Ai, que o caso é muito serio !

NHECO.

Eis que chega o ministerio !
(Arranjam-se todos a um lado da scena.)

ENTRADA DOS MINISTROS.

Ministros somos
Do rei melhor ;
Chamados fomos
Para compôr
O conselho feroz que vae julgar
A princeza que deu p'ra namorar !

NHECO, *(approximando-se.)*

Na qualidade de mestre
De cerimoniaes, que sou,
Fazer discurso que preste
Neste instante tentar vou.

EL-REI, *(entrando.)*

Silencio ! o teu discurso é natural dispense-o
Quem está como estou eu !

TODOS.

El-rei Caju !...

EL-REI.

Silencio !

(Descendo á scena, sombrio.)

Tor lô tô tô !

Tor lô tô tô !

El-rei Caju quer ficar só....

TODOS.

(Saindo mysteriosamente.)

Tor lô tô tô

Tor lô tô tô !

El-rei Caju quer ficar só....

NHECO.

(Saindo por ultimo, ao som dos derradeiros compassos.)

Este momento apanho

Para tomar um banho...

SCENA II

EL-REI

El-rei Caju quer ficar só... E para que quer ficar só el-rei Caju ? Apenas para retardar este julgamento, porque, afinal de contas, sou rei, mas tambem sou pae ! Sou pae ! e hei de passar pela semsaboria de ver subir ao cadafalso a minha querida filha ? Sim, que a Constituição é clara neste ponto, apesar de escura em todos os outros. *(Tirando um livrinho do bolso e lendo.)* « Artigo duzentos. Toda a pessoa real que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo, dêr escandalo publico, será julgada por um conselho composto de quatro ministros de estado e, averiguado o delicto, condemnada á pena ultima. » Si se podesse sophismar este maldito artigo duzentos ! Vejamos per partes : « Toda a pessoa real.... » Minha filha é ou não é pessoa real ? E'. E' real. E' realmente real ! Mas tambem quem se lembra de fazer um artigo contra as pessoas reaes ? Vejam si, nas partes descobertas do universo, os principes vão ao cadafalso por causa destas ninharias !... « que, esquecendo o decoro que deve a si propria e ao povo.... » Disto se esqueceu ella.... Comeu queijo.... « dêr escandalo publico.... » Escandalo foi ! Lá ser, foi.... E' o diabo ! Não ha meio de

sophismar ! E o conselho não póde estar á espera ! (*Vae a chamar o conselho e pára.*) Mas, afinal de contas, qual é o crime de minha filha ? A pobre pequena passava aqui uma vida levada de todos os diabos. Um dia deu-lhe a mosca.... e.... psit ! Isto acontece á mais pintada ! E não é que o rapaz é um rapagão ? Sympathiso com elle.... é uma coisa exquisita ! Que bonitos olhos ! Parecem-se tanto com os de sua magestade a falecida minha mulher ... Que olhos ! vamos lá ver esta gente.... Enquanto julgam, vou pensar.... Hei de achar furo. (*Vae á porta por onde saíram os ministros.*) Olha esse conselho que saia ! (*Sae pelo lado opposto.*)

SCENA III

NHECO, os MINISTROS

(Entrando a disputar.)

OS MINISTROS.

Não póde ser ! não ha tempo !

1.º MINISTRO.

Com mil raios ! Pois o senhor mestre de cerimoniaes quer abandonar-nos no momento do conselho !

2.º MINISTRO.

Era o que faltava !

3.º MINISTRO.

Tomar banho quando o serviço do estado reclama-o !

4.º MINISTRO.

Incuria !

NHECO.

Mas, senhores ministros...

1.º MINISTRO.

Com mil bombardas !

NHECO.

Ha vinte e tantos annos que não tomo banho !

4.º MINISTRO.

Quem esperou tanto tempo, póde esperar mais duas horas!

1.º MINISTRO.

Vamos! Mande entrar os reus, ou fuzilo-o, com m canhões!...

NHECO.

Este ferrabraz bem mostra ser ministro da guerra! (*A um gesto seu, entram Paulo e a princeza, escoltados por guardas, e cortezãos de ambos os sexos, ao som de uma marcha triste. Sentam-se todos. Os ministros em volta da mesa. Os cortezãos nos bancos. Os reus em bancos especiaes.*)

SCENA IV

OS MINISTROS, NHECO, CORTEZÃOS, GUARDAS,
PAULO, a PRINCEZA, depois os ADVOGADOS

NHECO, (*approximando-se.*)

Como mestre de cerimonias que sou, vou proceder á leitura do artigo da Constituição do reino, que tem relação com o caso vertente. (*Tira a Constituição do bolso.*)

OS MINISTROS.

(*Tirando cada um a sua Constituição.*) Nós todos sabemos. (*Abrem os livros.*)

TODOS, (*menos os reus.*)

E nós! (*Estão todos de livro na mão; leitura geral do artigo duzentos. Lendo:*) « Artigo duzentos. Toda a pessoa real que, esquecendo o decoro quo deve a si propria e ao povo, der escandalo publico, será julgada por um conselho composto de quatro ministros de estado e, averiguado o delicto, condemnada á pena ultima. »

1.º MINISTRO.

Mande entrar os advogados. (*A um gesto de Nheco, entram os dois advogados*)

1.º ADVOGADO, (*muito alegre.*)

Meus senhores, minhas senhoras, bom dia.

2.º AVOGADO, (*sorumbático.*)

Bom dia.

4.º MINISTRO.

Diabo! este aposto que é o da accusação!

2.º AVOGADO.

Está enganado: sou o da defesa.

4.º MINISTRO.

Ah!

2.º AVOGADO.

Mas acredite que é contra a vontade.... O meu desejo era vel-a morta....

TODOS.

Oh!...

1.º AVOGADO, (*sempre muito alegre.*)

Pois eu, apesar de vir accusal-a, queria vêl-a livre de culpa e pena. Que diabo! Amar nunca foi crime!

TODOS.

Oh!

1.º AVOGADO, (*ao collega.*)

Uma proposta: vá o senhor accusal-a; eu irei defendel-a.

2.º AVOGADO, (*vivamente.*)

Acceito.

1.º MINISTRO.

A seus logares, com mil duzentas e trinta e quatro espingardas! (*Os advogados tomam logares. Erguendo-se.*) Estão em presença deste tribunal.... porque, não sei si sabem, isto é um tribunal,—dois reus.

3.º MINISTRO.

Não apoiado!

2.º MINISTRO.

Como não apoiado?

2.º MINISTRO

Não são dois reus: é um reu e uma ré. (*Todos riem.*)

1.º MINISTRO.

Silencio! com cem cartuchos!—Cumpre-me fazer uma observação.... *(Ao quarto ministro que ainda se ri ás gargalhadas.)* Esteja quieto, menino! *(O quarto ministro ri-se cada vez mais.)* O culpado é sua magestade, que fez ministro um fedelho, que ainda cheira a cueiros. *(O quarto ministro fica muito serio.)* Cumpre-me fazer uma observação. O julgamento do reu Paulo, aqui presente, era da competencia do jury popular; mas como o povo tem mostrado de algum tempo para cá certas tendencias democraticas, julgamol-o nós, para que não nol-o absolvam por lá.—O conselho.... porque, não sei si já lhes disse, isto é um conselho.... o conselho conhece a historia deste processo summario: por denuncia de uma mulher do povo, o ministerio, que se achava reunido por amor do tractado de casamento de sua magestade, o ministerio foi encontrar a herdeira presumptiva da corôa em casa do pescador Paulo. Emquanto o rei tractava de dar uma mãe á princeza, esta comprazia-se talvez em dar um neto ao rei.—Vossa alteza tem que allegar alguma coisa em sua defeza?

PRINCEZA.

Em minha defeza, não; mas na de Paulo: elle não sabia quem eu era.

3.º MINISTRO.

Vossa alteza namorava incognito?

PAULO.

Nego! Eu sabia perfeitamente quem era sua alteza!

1.º MINISTRO.

Tem a palavra o advogado da accusação!

COPLAS E CONCERTANTE

2º ADVOGADO, *(erguendo-se.)*

I

Ha muito tempo eu não accuso
Delicto assim tão desmarcado!

UNS.

Muito apoiado!

OU ROS.

Não apoiado!

2.º AVOGADO.

Senhores meus, tão grande abuso
Deve de ser bem castigado !

(UNS.
 { Muito apoiado !
 OUTROS.
 { Não apoiado !

2.º AVOGADO.

Está na vossa consciencia.
Que a tal indecencia
Exemplo bom deve ser dado !

(UNS.
 { Muito apoiado !
 OUTROS.
 { Não apoiado !

2.º AVOGADO.

Mais não digo,
Não prosigo !
O que foi vós bem sabeis !
Eu só quero,
Só espero
Que se cumpram nossas leis !

(*Senta-se.*)

(UNS.
 { Muito apoiado !
 OUTROS.
 { Não apoiado !

1.º MINISTRO.

A palavra agora tem
Da defeza o advogado.

1.º AVOGADO, (*erguendo-se.*)

II

O deus de amor tem uma venda :
Cupido é muito endiabrado !

(UNS.
 { Muito apoiado !
 OUTROS.
 { Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Eu não sei mesmo o que defenda :
No' é crime amar nem ser amado !

UNs.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Está na vossa consciencia
Não ser indecencia
Ter a princeza um namorado !

UNs.
Muito apoiado !
OUTROS.
Não apoiado !

1.º ADVOGADO.

Mais não digo,
Não prosigo !
Não é crime crime tal !
Um namoro,
Sem decoro,
Nessa idade era fatal !

(Senta-se.)

PRINCEZA, (*levantando-se vivamente do lugar em que esta, e vindo á bocca da scena.*)

TANGO.

Amor tem fogo,
Tem fogo amor ;
Tem fogo intenso,
Devorador !
Põe-nos em jogo
O coração,
Nosso bom senso,
Nossa razão !
E lavra,
Palavra !
Sem descansar ;
Começa
Depressa,
Custa a acabar....

TODOS.

(*Erguendo-se machinalmente e acompanhando o can'to com um ligeiro movimento de corpo.*)

Amor tem fogo,
Etc., etc.

PAULO.

Todos amam: japonezes,
Chinezes, inglezes,
Francezes, maltezes,
Portuguezes, cordovezes,
Genovezes, irlandezes,
Hamburguezes, lubequezes,
Islandezes, hollandezes,
Genebrezes, escossezes !
Aragonezes,
Piemontezes,
Dinamarquezes,
Carthaginezes !

1.º AVOGADO.

Em vez de matal-os,
Casal-os p'ra bem !

2.º AVOGADO.

Em vez de casal-os,
Matal-os convem !
Matal-os !

2.º AVOGADO.

Casal-os !

CORO.

Muito apoiado !
Não apoiado !

(*Disputa geral, animada e calorosa.*)

CORO GERAL.

Amor tem fogo,
Tem fogo amor ;
Etc., etc.

1.º MINISTRO.

Toca a safar ! O conselho, porque saibam que isto é um conselho, tem que deliberar. (*Os fidalgos retiram-se. Aos guardas.*) Direita volver ! Marche ! (*Os guardas saem.*)

2.º MINISTRO.

Mas havemos de deliberar em presença dos reus ?

1.º MINISTRO.

Passemos á sala das deliberações. Senhor mestre de cerimónias, fica-lhe confiada a guarda destes dois pombinhos.—Vamos ! (*Ao terceiro ministro.*) Mexa-se !

2.º MINISTRO.

Tambem é tão gordo ! Vejam que barriga !

4.º MINISTRO.

Podéra ! é ministro das finanças !... (*Saem.*)

SCENA V

PAULO, a PRINCEZA, NHECO

NHECO.

Vossa alteza provavelmente vae morrer.... Ao menos morre limpa.... Eu-parece que decididamente morro sem tomar banho ! Faça idéa vossa alteza de que hoje, logo pela manhan, introdução de vossa futura madrastra, augusta noiva de vosso augusto pae. Ao meio dia, preparação da sala do conselho. Eu pretendia tomar o meu banho, enquanto deliberavam; mas eis que me ordenam que vos guarde. E todos os dias são assim !

PRINCEZA.

Nheco, és meu amigo ?

NHECO.

Quem póde vêr-vos sem querer amar-vos ?

PRINCEZA.

Pois bem; si te mereço piedade, deixa-nos a sós um momento.

NHECO.

Dexar-vos a sós, serenissima princeza ? Vossa alteza não vio que me confiaram a vossa guarda ? Não, isso não faço eu ! O mais que posso fazer é fechar os olhos.... (*Cantando.*)

Oh ! não faças cerimónias
Com quem dellas mestre está....

PRINCEZA.

Nheco, tu nunca amaste?

NHECO.

Nunca tive tempo de tomar banho, quanto mais de amar....

PAULO.

Descance, que não fugimos.... Amamo-nos.... Precisamos da solidão e do silencio para desafogar....

NHECO.

Ainda si eu tivesse tempo de metter-me n'agua....

PRINCEZA.

Anda.... faze-nos a vontade.... Antes de morrer, pedirei a meu pae que te aposente....

NHECO.

Com o ordenado por inteiro ?

PRINCEZA.

Sim.

NHECO.

Então, vá lá!... Si apanho a aposentação, hei de passar o resto dos meus dias mettido n'um tanque!—Até logo! (Aparte.) Não irei para muito longe.... Nada, que si fugissem.... (Sae.)

SCENA VI

PAULO, a PRINCEZA

(Correm um para o outro, abraçam-se e beijam-se ardentemente.)

AMBOS.

Emfim!...

PAULO.

Que sorte nos aguardará?...

PRINCEZA.

E fui eu que te perdi....

PAULO.

Tu?! Oh! não! Não fallemos nisso....

PRINCEZA.

Vivias feliz e despreoccupado, em companhia dessa excellente mulher a quem tanto deves, e que a estas horas treme pelo teu destino.... A caça.... a pesca.... era essa a tua existencia descuidada! Que fatalidade nos atirou nos braços um do outro!

PAULO.

Foi uma fatalidade, foi; mas não te recrimines, porque me considero feliz na minha desgraça! Morro contigo! Estava-me reservada essa ventura suprema!

PRINCEZA.

Meu pobre Paulo!

DUETTO

PAULO.

Que sorte funesta!

PRINCEZA.

Que funesta sorte!

PAULO.

Nada mais nos resta....

PRINCEZA.

Resta-nos a morte....

AMBOS.

Abrem-se os céus! Nas azas de ouro,
A morte vae nos conduzir!
Junctos, ó meu casto thesouro,
A' eterna luz vamos subir!

PRINCEZA.

Castigo não se me afigura,
Mas divinal, supremo bem,
A doce paz da sepultura
Que o fado meu trazer-me vem!

PAULO.

Eu morro satisfeito!
Acaba a minha dôr!
Gelado, negro leito
Encontra o meu amor!

JUNCTOS.

PAULO.

Eu morro satisfeito!
Acaba a minha dôr!
Gelado, negro leito
Encontra o meu amor !

PRINCEZA.

Serenas, ó meu peito,
Acabas, minha dôr!
Gelado, negro leito
Encontra o meu amor.

NHECO, (*entrando.*)

Então ? vossa alteza já desafogou ? Era tempo ! Ahi volta o conselho !... (*A musica prolonga-se em surdina até o final da seguinte scena.*)

SCENA VII

PAULO, a PRINCEZA, NHECO, os MINISTROS,
os ADVOGADOS, CORTEZÃOS, GUARDAS

1.º MINISTRO.

Serenissima senhora, o tribunal, porque, afinal de contas, por mais que me digam, isto é um tribunal.... O tribunal, dizia eu, usando da faculdade que lhe faculta o artigo duzentos da Constituição do reino, acaba de proferir a sentença, que tem de ser cumprida tanto por vossa alteza como pelo individuo Paulo. Estaes ambos condemnados á pena ultima.

2.º ADVOGADO.

Appéllo !

1.º MINISTRO.

Não ha appellação nem aggravo !—Guardas, sentido, com tres mil buxas ! Meia volta á direita, e prendam ! prendam ! (*Tres guardas levam Paulo e tres a princeza. Saem todos graves e silenciosos, como entraram. A scena fica só por alguns momentos. Cessa a musica.*)

SCENA VIII

o BARÃO, a DUQUEZA, depois EL-REI

(A duqueza entra afflicta; o barão acompanha-a no mesmo estado de agitação.)

DUQUEZA.

Não ha remedio sinão confessar tudo a el-rei !

BARÃO.

Eu perco a cabeça !—E perco mesmo : isto não é figura de rhetorica... Vê vossa excellencia como o demo as arma, duqueza....

DUQUEZA.

Estou resolvida a tudo, comtanto que salve minha filha !

BARÃO.

Nossa filha, duqueza....

DUQUEZA, (de mau humor.)

Nossa filha, barão !

COPLAS

I

Por minha filha salvar
Do cada lso,
Mil passos pretendo dar,
Embora em falso....
Soffrerei negra afflicção,
Eterna magua,
Si der minha pretensão
C'os burros n'agua !

Sou muito forte,
Mas desvelada ;
Desesperada,
Nervosa estou !
Quem já vio sorte
Que mais capriche ?
Madre infelice,
Misera sou !

II

Para salva-a verá
Que me rebaixo,
Embora o throno se vá
Por agua abaixo !
Si não lhe alcanço o perdão....
Qu'escaramuça !
Hei de pintar o Simão
De carapuça !

Sou muito forte,
Etc., etc.

BARÃO.

Ahi vem sua magestade. Falle-lhe, que não tenho animo para isso. Uf ! Não me posso ter nas pernas !

EL-REI.

(*Entrando, angustiado.*) Barão, barão ! andava á tua procura, meu velho amigo ! Tenho-te buscado por toda a parte ! Onde te metteste ?

BARÃO.

Estava receitando : vossa magestade soffreu um violento abalo moral : precisa medicar-se. A receita, cuja confecção levou-me tres horas, já foi enviada para a botica.

EL-REI.

Quem te falla aqui em despeza.... quero dizer : em receita ? O que eu quero é salvar minha filha ! Põe-te em meu lugar : faze de conta que és seu pae ! Faça de conta que e sua mãe, duqueza. — Tu, que tanto a estimas, barão, não te lembras de algum meio ? Não se póde sophismar aquelle maldito artigo duzentos ?

DUQUEZA.

(*Irresoluta, ao barão.*) Vae ?

BARÃO.

Vá ! Um, dois, e.... tres !

DUQUEZA.

(*Resoluta.*) Saiba vossa magestade que a princeza, si ama o pescador Paulo, não leza a magestade, nem offende o povo, que a venera.

EL-REI.

Porque ?

DUQUEZA.

Porque ama a um principe !

BARÃO.

(*Comsigó*) Um, dois, e.... tres ! (*Alto.*) Real senhor, o principe Paulo é vosso filho !

EL-REI.

Meu filho !....

BARÃO.

Vossa magestade lembra-se do que me disse ha vinte annos, quando vossa real esposa estava para dar á luz ? « Doutor, ha de ser uma menina ou.... Tur, lu, tu, tu, tur, lu, tu, tu.... verás quem é el-rei Caju ! » Ora, como a creança que estava para nascer era um menino e não uma menina, procurei uma menina para substituir o menino, levei o menino para fóra, eduquei-o longe das vistas de vossa magestade, e a menina tem até hoje passado por vossa filha. Acontece que vinte annos depois desta trapaalhada, a menina apaixonou-se pelo menino, o menino pela menina, e....

EL-REI, (*interrompendo-o tragicamente.*)

Horror ! horror ! tres vezes horror ! As abobadas deste palacio repercutam ainda uma vez esta palavra : Horror !... e esta outra : Horror !

BARÃO.

E' a mesma.

EL-REI.

Afinal de contas, tiveste razão. O teu dever era salvar a propria vida. Isso não impede, porém, que houvesse feito uma grandissima maroteira !

BARÃO.

Foi por instincto de conservação.

EL-REI.

Por isso é que o rapaz parece-se tanto com minha mulher ! Porisso é que sympathiso tanto com elle....

A DUQUEZA.

A natureza, oh ! a natureza !...

EL-REI.

Mas quem é o pae de minha filha ? quero dizer—da sup-
posta princeza ? Não lh'a entrego nem a cacete ! (*Terrivel.*)
De quem é filha ?... Responde !...

T E R C E T T O

BARÃO.

E' minha filha !
Seu papae sou !

DUQUEZA.

E' sua filha !
Quem tal pensou ?

EL-REI.

E' sua filha !
Seu pae não sou !
Cruel partilha,
Desgraça pura,
A sorte escura
Me reservou !

BARÃO.

I

Sob este corpo cansado
Que o tempo quasi vergou,
Sob este corpo, coitado !
Um coração já pulsou....
Na flôr de minha existencia
Todo aos estudos me dei ;
Namorado da sciencia,
Em vez de amar, estudei.

Por isso,
Ah ! Ah !
Por isso,
Ah ! Ah !

Tive somente um derriço,
Olá !

II

Cataplasmas e calmantes,
 Ungentos e fricções;
 Laxantes e mais laxantes;
 Cerotos, basilicões,
 Sulfatos, plantas, alteias,
 Tudo o mais, que não direi,
 Foi com essas panacéas
 Que a mocidade passei!
 Por isso,
 etc., etc.

EL-REI.

E esse derriço foi, barão, que te valeu
 A filha que passou por ser trabalho meu?

(A um gesto affirmativo do barão.)

Passei por pae de quem não era!
 Passo por pae de quem não sou!
 Punido has de ser tu, podéra!
 Um juramento aqui te dou!

Ah!...

(Dá uma grande volta pela scena, parodiando os artistas lyricos italianos, e vem requebrar-se perto da duqueza.)

Oh! je t'aime, je t'aime! je t'aime!
 Deixa, ó bella, dizer-t'o em francez!
 Vê, meu anjo, vê que a voz me treme!
 Oh! je t'aime, je t'aime em francez!

JUNCTOS.

EL-REI.

Oh! je t'aime, je t'aime, je t'aime!
 Etc., etc.

BARÃO.

Que ella o ama, que o ama, que o ama,
 Caso é certo, mesmo sem francez!
 Ora, faça a vontade á madama!
 Ora, faça, que o peço por tres!

DUQUEZA.

Oh! je t'aime, je t'aime, je t'aime,
 Oh! je t'aime, meu bem, como vês!
 Vê, meu anjo, vê que a voz me treme...
 Oh! je t'aime, je t'aime em francez!

(O barão e el-rei dão junctos outra volta por toda a scena, prolongando a ultima nota, que a duqueza corta de subito, tapando-lhes as boccas quando descem á scena, e cantando.)

DUQUEZA.

Pois si me adoras,
Como protestas
E como attestas,
Meu coração,
Oh ! tu que um'alma
Tens, e tão bôa,
Meu bem, perdôa,
Da-lhe o perdão !

JUNCTOS.

DUQUEZA.

Pois si me adoras ,
Etc., etc.

EL-REI.

Eu que te adoro,
Oh ! pura ! honesta,
Mulher modesta,
Meu coração,
Hei de, que o pedes,
Hei de lançar-lhe
Hei de atirar-lhe,
O meu perdão !

BARÃO.

Si és bom sob'rano,
Como protesta
E como attesta
Teu coração,
Oh ! tu que um'alma
Tens, e tão bôa,
O' rei, perdôa,
Dá-me o perdão !

EL-REI.

Mas sem castigo não desejo eu que fique este mariola !...

DUQUEZA.

E' melhor que as coisas fiquem no pé em que estavam.
—Vossa magestade tem amor de pae á princeza, não tem ?

EL-REI.

Por força.

DUQUEZA.

O principe Paulo passará por filho de sua magestade o rei da ilha da Guarda-Velha.

EL-REI.

O meu augusto visinho ?

A DUQUEZA.

Depois de entender-me com elle, annuirá ao meu pedido, e perfilhal-o-ha.

BARÃO.

(*Aparte.*) Hum....

EL-REI.

Sim, podemos contar com o assentimento do collega, que nada te recusa, como já me disseste. Demais, sabendo que o Paulo é meu filho....

BARÃO.

(*Timidamente.*) E' verdade.

EL-REI.

Bico, senhor barão.—Senhor barão! Nada! De hoje em diante não é mais barão! Si está feito barão por ter nascido uma menina! Estás elevado a visconde, maroto! E' o teu castigo!—Vae chamar essa sucia! (*O barão sae.*) Vou annular o julgamento.... e, para segurança de minhas netas, convocar uma constituinte, para revogar o tal artigo duzentos. (*Volta o barão.*)

SCENA IX

EL-REI, o BARÃO, a DUQUEZA, NHECO, os MINISTROS, os ADVOGADOS, FIDALGOS, FIDALGAS, GUARDAS, depois PAULO, a PRINCEZA.

EL-REI.

Trazei minha filha e sua alteza o principe Paulo para esta sala!

TODOS.

O principe Paulo!

DUQUEZA.

Esse que suppondes um simples pescador....

BARÃO.

O reu.

EL-REI.

E' um principe disfarçado. Tudo isto foi uma comedia. Queria experimentar-vos. Sois integros.

1.º MINISTRO.

(*Aos guardas.*) Direita volver! Ide buscar os reus, com trinta mil carabinas! (*Saem os guardas e voltam com Paulo e a princeza.*) Está portanto annullada a sentença

proferida pelo conselho, sim, que aquillo, digam o que quizerem, foi um conselho.

EL-REI.

(*A Paulo que entra com a princeza e os guardas.*)
Principe Paulo, dê cá um abraço !

PAULO.

Principe ! !...

BARÃO.

(*A Paulo.*) Tudo será mais tarde explicado a vossa alteza.

PAULO.

Alteza ! ...

EL-REI.

(*Depois de abraçar e beijar o príncipe.*) Dê a mão á princeza : é sua !

PRINCEZA.

Paulo !

PAULO.

E Thereza ? Uma vez que sou principe ...

BARÃO.

Não vos dê cuidado.

EL-REI.

O barão não deve ficar impune. Mas.... qual deve ser o castigo ?

UM LACAIO.

(*Entrando, acompanhado de dois homens que trazem grandes caixas.*) Aqui estão os remedios de vossa magestade, receitados pelo senhor barão. A botica ficou vazia.

EL-REI.

Leva-os para fóra, (*Saem o laçao e os homens. Ao barão.*) Querias que eu ingerisse aquella pharmacia ? Por causa do meu abalo moral, não é assim ? Mas como a filha era tua e não minha, tu é que has de tomar aquellas drogas ! (*Aparte.*) Achei um castigo....

BARÃO.

(*Aparte.*) Morri.

EL-REI, *(tomando a mão da duqueza.)*

Apresento minha noiva à côrte. *(A' princeza e a Paulo.)*
Casar-nos-emos no mesino dia... *(Grandes mesuras dos*
cortezãos.)

FINAL

CÔRO GERAL.
Viva el-rei Caju !
Viva o
Rei Caju !...

PRINCEZA.

E', papae, do meu agrado,
Seja Nheco aposentado.

EL-REI.

Ha de ser aposentado !

NHECO.

Si aposentação apanho ,
Oh ! que permanente banho !

PAULO.

O meu peido é mais serio:
Deite abaixo o ministerio !

EL-REI.

Caia, pois, o ministerio !
(A um gesto seu, os ministros caem no chão.)

COPLA AO PUBLICO.

Sei que o desejo, e unico,
Dos miseros auctores,
Meu respeitavel publico,
E' de fazer-te rir ;
Assim pois á comedia
Dispensa os teus favores,
E seja o ministerio
O unico a cahir.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Eis o que quer el-rei Caju !

CÔRO GERAL.

Tur lu tu tu,

Tur lu tu tu !

Eis o que quer el-rei Caju !...

18270

